



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

KELLY LUCIANA BUENO

**DISTOPIAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE DE
CADÁVER EXQUISITO (2018) E *NACIÓN VACUNA* (2017)**

Foz do Iguaçu
2021

KELLY LUCIANA BUENO

**DISTOPIAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE DE
CADÁVER EXQUISITO (2018) E *NACIÓN VACUNA* (2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada - PPGLC da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA na área de concentração Poéticas e Narrativas Latino-Americanas e linha de pesquisa Tema, Imagens e Transculturalidade, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo

Foz do Iguaçu
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

B928d

Bueno, Kelly Luciana.

Distopias latino-americanas contemporâneas: uma análise de Cadáver Exquisito (2018) e Nación Vacuna (2017) / Kelly Luciana Bueno. - Foz do Iguaçu, 2021.
97 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), Programas de Pós-Graduação em Literatura Comparada.

Orientador: Antonio Rediver Guizzo.

1. Literatura Latino-Americana. 2. Bazterrica, Agustina Mari?a, 1974. 3. García Lao, Fernanda, 1966. 4. Violência. 5. Distopias. I. Guizzo, Antonio Rediver. II. Título.

CDU 82.02(8)

KELLY LUCIANA BUENO

**DISTOPIAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE DE
CADÁVER EXQUISITO (2018) E *NACIÓN VACUNA* (2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada - PPGLC da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA na área de concentração Poéticas e Narrativas Latino-Americanas e linha de pesquisa Tema, Imagens e Transculturalidade, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo
UNILA

Prof. Dr. Acir Dias da Silva
UNIOESTE

Prof. Dr. Dinaldo Sepulveda Almendra Filho
UNILA

Prof. Dr. Emerson Pereti
UNILA

Foz do Iguaçu, 23 de março de 2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, aquele em quem acredito fielmente.

Aos meus pais, que sempre lutaram pela minha educação. Todo meu esforço é por mim e por vocês.

Ao Lucas, que sempre me acolheu e sempre teve as palavras certas quando eu pensava que não ter mais forças para continuar.

Ao meu orientador, professor Antonio Guizzo, por todo o ensinamento e por ter acreditado nesta pesquisa tanto quanto eu.

Aos professores da banca, Acir Dias, Dinaldo Filho e Emerson Pereti, por fazerem parte deste trabalho e apontarem caminhos que passaram despercebidos.

Aos meus amigos e colegas que fiz durante o mestrado, pelas trocas durante o café, pela ajuda e pelas palavras de conforto.

À CAPES, pelo apoio financeiro, que foi fundamental para que pudesse me dedicar aos estudos.

Ao Ignácio, secretário do PPGLC, por todo trabalho zeloso e auxílio nas questões burocráticas.

A todos os professores que fizeram parte dessa jornada.

À Unila, por ter me transformado enquanto pesquisadora e ser humano.

À Universidade Pública.

*Há coisas que só a literatura com os seus meios
específicos nos pode dar.
(Italo Calvino)*

RESUMO

Obras distópicas possuem a capacidade de representar os medos sociais que de algum modo já existem na sociedade. Ao agir como um espelho social, atuam não apenas como fonte de entretenimento, mas como um potente veículo de críticas aos sistemas sociais e políticos vigentes. Inserida no rol de distopias contemporâneas, a obra *Cadáver Exquisito* (2018), da escritora argentina Agustina Maria Bazterrica, relata um contexto social em que o canibalismo é legalizado. Já *Nación Vacuna* (2017), da escritora Fernanda García Lao, é um romance distópico no qual mulheres são selecionadas para um “serviço patriótico” em uma ilha devastada por uma guerra recente e uma doença desconhecida que ameaça a estabilidade do país. No desenvolver das duas narrativas, observa-se a atuação de controles biopolíticos, vigilância, manipulação da história e constituição de um poder soberano capaz de manejar os afetos dos cidadãos e garantir os interesses dos governantes. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender de que maneira as questões como a crise democrática e o recrudescimento do liberalismo capitalista transparecem em obras distópicas contemporâneas, nas quais são figuradas formas de governabilidade em que os principais mecanismos são a violência, o controle individual e coletivo, a vigilância, a manipulação da história e o atendimento aos interesses econômicos. Num primeiro momento, será realizada uma apresentação das obras para na sequência discutir sobre o conceito de utopia e sua relação intrínseca com a distopia, de modo a compreender a importância de análises relacionadas à literatura distópica. Posteriormente, deseja-se compreender como a violência, controle individual, coletivo e a vigilância são mecanismos utilizados pelas formas de governabilidade e como essas questões transparecem em *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna*, para, por fim, demonstrar como o controle ultrapassa o corpo físico, e atua também na linguagem, pensamento e memória dos indivíduos. Como principal aporte teórico será utilizado as considerações de autores importantes no campo da filosofia política, como Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Michel Foucault e Hannah Arendt, entre outros.

Palavras-chave: *Cadáver Exquisito*; *Nación Vacuna*; Violência; Biopolítica; Formas de controle.

RESUMEN

Las obras distópicas tienen la capacidad de representar los miedos sociales que de alguna manera ya existen en la sociedad. Al actuar como un espejo social, actúan no solo como una fuente de entretenimiento, sino como un potente vehículo para criticar los sistemas sociales y políticos actuales. Insertada en la lista de distopías contemporáneas, la obra *Cadáver Exquisito* (2018), de la escritora argentina Agustina María Bazterrica, relata un contexto social en el que se legaliza el canibalismo. *Nación Vacuna* (2017), de la escritora Fernanda García Lao, es una novela distópica en la que se selecciona a mujeres para un “servicio patristico” en una isla devastada por una guerra reciente y una enfermedad desconocida que amenaza la estabilidad del país. En el desarrollo de las dos narrativas, es posible observar la realización de controles biopolíticos, vigilancia, manipulación de la historia y la constitución de un poder soberano capaz de manejar los afectos de los ciudadanos y garantizar los intereses del gobierno. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo comprender cómo temas como la crisis democrática y el auge del liberalismo capitalista se reflejan en las obras distópicas contemporáneas, en las que se plasman formas de gobernanza en las que los principales mecanismos son la violencia, el control individual y la vigilancia colectiva, manipulación de la historia y satisfacción de intereses económicos. En un primer momento se realizará una presentación de los trabajos para posteriormente discutir el concepto de utopía y su relación intrínseca con la distopía, con el fin de comprender la importancia de los análisis relacionados con la literatura distópica. Posteriormente, queremos entender cómo la violencia, el control individual, colectivo y la vigilancia son mecanismos utilizados por las formas de gobierno y cómo aparecen estos temas en *Cadáver Exquisito* y *Nación Vacuna*, para finalmente demostrar cómo el control va más allá del cuerpo físico, y también actúa sobre el lenguaje, el pensamiento y la memoria de los individuos. Como principal aporte teórico se utilizarán las consideraciones de importantes autores en el campo de la filosofía política, como Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Michel Foucault y Hannah Arendt, entre otros.

Palabras-claves: *Cadáver Exquisito*; *Nación Vacuna*; Violencia; Biopolítica; Formas de control.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS	16
1.1 CADÁVER EXQUISITO	16
2.2. <i>NACIÓN VACUNA</i>	23
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE UTOPIA E DISTOPIA	28
2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE UTOPIA	28
2.2 UTOPIA E DISTOPIA	33
2.3 UTOPIA E DISTOPIA EM <i>CADÁVER EXQUISITO</i> E <i>NACIÓN VACUNA</i>	36
2.4 LITERATURA DISTÓPICA	40
3 GOVERNABILIDADE, CONTROLE E VIGILÂNCIA	44
3.1 DISTOPIA E TOTALITARISMO	44
3.2 O CORPO DISCIPLINADO	51
3.3 RELAÇÃO ENTRE O HOMO SACER E SOBERANIA	61
3.4 PARADIGMA DA IMUNIZAÇÃO	64
4 PODER, DISCURSO E MEMÓRIA	69
4.1 O DISCURSO COMO INSTRUMENTO OPRESSOR	69
4.2 RESTRIÇÃO AO CONHECIMENTO	73
4.3 RESTRIÇÃO À MEMÓRIA	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

“*El planeta va a reventar, en cualquier momento*” (BAZTERRICA, 2018, p. 19). De fato, a incrível habilidade de reinvenção do ser humano é frequentemente representada em obras distópicas que narram a capacidade de sobrevivência após a destruição do mundo como conhecemos hoje, seja por desastres de ordem natural ou pela mão do próprio homem. No entanto, se reinventar e sobreviver tem seu preço. Às vezes, o preço pago é viver sob um regime completamente totalitário como em *1984*, de George Orwell. Outras vezes, a sobrevivência exige a capacidade de matar, subsistir com o mínimo, ser silenciado, vigiado e controlado. Não importa o contexto, o preço pela sobrevivência é sempre alto em obras distópicas.

As produções distópicas possuem, portanto, a capacidade de questionar os limites das ações humanas em nome de uma suposta necessidade de sobrevivência ou restabelecimento da ordem social, figurando os medos sociais já existentes - como desastres naturais, fim de recursos, doenças contagiosas - em narrativas em que novas formas de sociabilidade (com suas perversidades e obscenidades) são delineadas. Não sem razão, a pesquisadora Riven Barton (2016) diz que, independentemente de quão horrível possa ser, a distopia não representa o fim, mas a luta pela continuação de uma sociedade.

Nesse sentido, distopias agem como um espelho da nossa realidade social, atuando não apenas como fonte de entretenimento, mas como um potente veículo de críticas aos sistemas sociais e políticos vigentes. Não à toa, atualmente a produção artística relacionada ao gênero tem se tornado diversificada e popular, sendo que, para Portela e Pinto (2019), não é imprudente dizer que o gênero distópico tem sido considerado um fenômeno contemporâneo da literatura. Frente a essa potencialidade crítica das obras distópicas, o *corpus* deste trabalho é composto por dois romances distópicos argentinos que fornecem, em um primeiro momento, a capacidade de análise e compreensão de alguns aspectos sociais e políticos que circundam a nossa sociedade

O primeiro livro a ser analisado é *Cadáver Exquisito* (2018), da escritora argentina Agustina Maria Bazterrica. Em 2013, a autora publicou o seu primeiro romance intitulado *Matar a lã niña*, e três anos mais tarde seu livro de contos *Antes del encuentro feroz*. Em 2017, aos 43 anos, utilizando o pseudônimo de *Hannibal*

Lecter, Agustina Bazterrica enviou o manuscrito de *Cadáver Exquisito* à 20ª edição do Prêmio Clarín de Novela. Reconhecido como um dos prêmios literários mais importantes da Argentina, a edição de 2017 contou com 494 obras participantes. Em 31 de outubro de 2017, Agustina vence o prêmio Clarín e garante a publicação de *Cadáver Exquisito* com o selo da editora Alfaguara.

A obra, que atualmente está na sua sexta edição, já foi traduzida para diversos idiomas, como o alemão, chinês, francês, finlandês, turco e inglês britânico e americano, além de estar prevista também a tradução para o grego, árabe e sueco. Em uma conversa através de uma rede social¹, Agustina Bazterrica confirma a adaptação do livro para a televisão em forma de série, apesar de ainda não haver data prevista para o início do projeto. No final de 2020, a versão em inglês, *Tender is the flesh*, concorreu a um prêmio do Goodreads - rede social de leitores da Amazon -, sendo a única obra da lista escrita originalmente em espanhol e de uma escritora mulher sul-americana. A obra não foi a vencedora, mas recebeu 6.275 votos (GOODREADS, 2020).

Cadáver Exquisito revela um futuro no qual um vírus atingiu todas as espécies de animais do planeta. Por se tratar de um vírus letal aos seres humanos, os animais que não morreram foram sacrificados como forma de prevenção. No entanto, isso não significa que o mundo passa a viver sem proteína animal, pelo contrário, sob a pressão das grandes indústrias e baseado em estudos científicos, o governo encontra na legalização da criação, reprodução e consumo de carne humana a forma de restabelecer a ordem social. Frigoríficos são adaptados e em pouco tempo a criação de cabeças humanas para atender a massiva demanda de carne é iniciada. As manifestações e protestos contra a medida governamental são silenciadas e gradativamente a população se adapta à nova realidade, na qual a humanidade passa a ser dividida entre consumidores e consumidos.

A outra obra que compõe o *corpus* deste trabalho é *Nación Vacuna*, da escritora argentina Fernanda García Lao, publicada em 2017. Nascida na Argentina em 1966, atualmente Fernanda trabalha como escritora, dramaturga e poeta. Com uma extensa lista de livros publicados, pode-se destacar o romance *Muerta de hambre* (2005), com o qual recebeu o primeiro prêmio do Fundo Nacional das Artes; *La perfecta otra cosa*

¹ O print da conversa com a escritora encontra-se no Anexo A.

(2007) ganhador do terceiro prêmio Cortázar; e *Amor invertido* (2015), romance escrito em coautoria com o escritor argentino Guillermo Saccomanno.

Nación Vacuna é um romance direcionado à memória e ao futuro argentino em que, diferente dos fatos históricos, a Argentina vence a Guerra das Ilhas Malvinas em 1982. No entanto, apesar de vitoriosos, os soldados argentinos não podem retornar ao seu país, pois, antes da rendição estratégica os inimigos envenenaram secretamente a água potável da ilha. Alguns soldados morreram, outros desenvolveram espasmos, perda de memória e loucura. Sem saber se a reação do envenenamento pode ser contagiosa, os soldados, que mais tarde ficaram conhecidos como os *envenenados de las M*, permanecem isolados nas ilhas à espera de uma solução. O isolamento é necessário, pois, o retorno ao país oferece riscos à população argentina.

Com a ausência de militares, uma nova Junta é formada para governar o país, composta por um engenheiro, um comissário e um ginecologista. A nova Junta trabalha em um projeto que promete à população a salvação dos soldados e da pátria argentina, e que consiste em selecionar mulheres, dentre inúmeras candidatas, que atendam uma série de pré-requisitos. Essas mulheres, conhecidas como *las afirmativas*, serão vacinadas para que possam viajar até as ilhas Malvinas. O objetivo é que, após a missão, essas mulheres retornem ao país carregando no ventre os filhos dos *envenenados de las M*. O projeto visa, portanto, honrar a memória dos heróis argentinos.

Diante do exposto, temos de um lado uma sociedade distópica no qual o canibalismo é legalizado e, de outro, uma narrativa que acompanha a execução de um projeto, no qual o objeto central é a utilização dos corpos de mulheres e sua capacidade reprodutiva para garantir a ordem social. Apesar de contextos distintos, percebe-se que em ambas as narrativas a forma de governo alimenta-se da violência, controle e vigilância. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender de que forma as questões como a crise democrática e o recrudescimento do liberalismo capitalista transparecem em obras distópicas contemporâneas, nas quais são figuradas formas de governabilidade em que os principais mecanismos são a violência, o controle individual e coletivo, a vigilância, a manipulação da história e o atendimento aos interesses econômicos; enfim, uma forma de governabilidade exercida através do controle político do corpo.

Para realizar a análise das duas obras postas aqui em diálogo, nos orientamos no campo da Literatura Comparada. A Literatura Comparada teve início por volta de 1830, na França. De acordo com professor Simon Jeune (1994), a expressão provavelmente foi influenciada pelas ciências da natureza - pois se falava, na época, em anatomia e zoologia comparada. No Brasil, Sandra Nitrini (1994) revela que a área da Teoria Literária e Literatura Comparada passou a fazer parte dos cursos de Letras em 1961, no entanto, a constituição como uma modalidade própria dos estudos literários ocorreu de forma gradativa e árdua, sendo que o interesse maior pela disciplina foi por volta do final da década de 70. Já em 1994, Eduardo Coutinho e Tania Carvalho publicam um livro com o título *Literatura Comparada: textos fundadores*, no qual o público brasileiro teve disponível a tradução e compilação de diversos artigos seminais sobre a área, escritos no período de 1886 até 1974 em obras à época de difícil acesso. No livro, especificamente no artigo de Henry Remak (1994, p. 175), o autor define a literatura comparada como “a comparação de uma literatura com a outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana”. Embora Remak (1994) admita que tal definição causaria discordância por parte da escola francesa, a função da literatura comparada é consensual: “dar aos estudiosos, aos professores e estudantes, e, *last but not least*², aos leitores, uma compreensão melhor e mais completa da literatura como um todo” (1994, p. 180, grifo do autor).

A respeito disso, Tania Franco Carvalho (1991) também ressalta que a investigação, dentro dos estudos comparatistas, é mais importante do que a sobreposição ou aproximação dos textos. Investigar não somente os elementos em análise, como textos literários e artísticos, mas também os elementos que os sustentam, como o cultural e o social é fundamental. Por essa razão, a Literatura Comparada tem a capacidade de “interrogar os textos literários, concebendo-os não como sistemas fechados em si mesmos, mas na sua interação com outros textos, literários ou não” (CARVALHAL, 1991, p. 13). Com isso, a literatura comparada não deve ser vista como um confronto entre obras e autores, uma vez que ela ambiciona contribuir para a elucidação de questões literárias que exigem perspectivas mais amplas. Isso explica a necessidade de articular a investigação comparativista com “o

² Por último e não menos importante. (tradução nossa).

social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente” (1991, p. 86).

Pode-se dizer que a Literatura Comparada atualmente é um campo de pesquisa que considera o entrecruzamento de culturas, artes e sociedades, desde as mais próximas até as mais distantes. Dessa forma, para os professores Amilton Queiroz e Simone Lima (2017),

pensar a Literatura Comparada é explorar as redes de conjunção, desvendar o cenário das trocas e trançar os fragmentos da paisagem do texto literário ao exercício crítico da movência dos saberes. Através da travessia dentro e fora da trama do comparativismo, tem-se a possibilidade de estabelecer nexos entre o que existe de relacional e singular, cartografando a força do trânsito de culturas (LIMA; QUEIROZ, 2017, p.171).

Sendo assim, fundamentando-se na tarefa da Literatura Comparada de fornecer uma percepção mais completa da literatura com ênfase na investigação da obra como um sistema aberto, a análise dos livros *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna* terá como eixo condutor a violência e suas diferentes formas de manifestação, principalmente no que se refere às formas de governabilidade.

Em seu livro *Violência* (2014), o filósofo Slavoj Žižek diferencia a violência em duas formas principais: a subjetiva e a objetiva. Para o autor, a violência subjetiva refere-se àquela “diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável” (ŽIŽEK, 2014, p. 9). Já a violência objetiva refere-se à violência invisível, portanto, pouco percebida, da qual participam a violência simbólica, que para Žižek está “encarnada na linguagem e em suas formas” (2014, p. 9) e a violência sistêmica, definida pelo autor como “a violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 14).

Na sequência, utilizamos os estudos do professor Jaime Ginzburg (2012) para compreender que a violência se trata de uma construção material e histórica, e é produzida pelo homem de acordo com suas condições concretas de existência. Em seu livro *Literatura, violência e melancolia* (2012), Ginzburg analisa propriamente a violência física. O excessivo volume de notícias sobre atos violentos transmitidos em todos os meios de comunicação faz com que o ser humano reaja a essas informações com uma certa apatia. Isso porque, nosso aparelho psíquico entraria em colapso emocional se ele reagisse de forma empática a cada relato de violência. No entanto,

o bloqueio da mente condiciona a uma desumanização do outro, uma ausência de moralidade. É nesse momento que a literatura contribui para que a sociedade reaja, de forma sensibilizada, à violência. Segundo o autor, os questionamentos instigados pela leitura de um texto literário rompem com o torpor criado em relação à violência, pois “a leitura de textos literários, sabemos há muito tempo, é capaz de romper com percepções automatizadas da realidade” (GINZBURG, 2012, p. 24).

Além da desautomatização da realidade, o autor defende ainda a conexão existente entre estética e ética, já que “o modo como nossa percepção funciona no campo artístico está vinculado ao modo como organizamos nossos valores nas percepções cotidianas” (2012, p. 25). De forma exemplificada, ao ler um determinado texto literário, o leitor se depara com cenas de violência física, e a reação dele, de empatia ou apatia, revela a sua formação ética. Isso explica porque a leitura de determinados textos causa mais impacto que outros a depender de quem está lendo. Por outro lado, a escolha de obras distópicas também ocorre de forma deliberada, uma vez que, de acordo com Demerjian, as “obras distópicas refletem as preocupações da sociedade” (DEMERJIAN, 2016, p. 1).

A escolha do tema geral, isto é, o estudo da violência na literatura, adveio da experiência pessoal da desautomatização da realidade. Fazer uma reflexão de uma obra, relacionando-a com outros textos, literários ou não, promove a percepção da realidade e de todos os problemas que a envolvem. Essa foi a minha experiência com as obras citadas, mas também com outros textos lidos durante a graduação e as disciplinas do mestrado. Trabalhar com esse tema é, no mínimo, tencionar a reflexão sobre a violência.

Frente a isso, optou-se por dedicar o primeiro capítulo deste trabalho à apresentação das duas obras. Nos pareceu necessário apresentar a narrativa ao leitor para que os capítulos de análise sejam mais fluídos, e também, porque as duas obras ainda não foram traduzidas ao português. Na sequência, o segundo capítulo destina-se a apresentar o conceito de utopia e sua relação intrínseca com a distopia, de modo a compreender a importância de análises relacionadas à literatura distópica. No terceiro capítulo, o objetivo foi compreender como a violência, controle individual e coletivo e a vigilância são mecanismos utilizados pelas formas de governabilidade e como essas questões transparecem em *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna*. No quarto e último capítulo desejou-se compreender como o controle ultrapassa o corpo físico, e atua também na linguagem, pensamento e memória dos indivíduos.

1 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

Neste capítulo serão apresentados os enredos dos romances que compõem o *corpus* desta pesquisa. Será realizada uma apresentação das narrativas dos romances a partir das considerações de obras como Northrop Frye em *Anatomia da Crítica* (2014) e também Jessica Brody, com a obra *Save the Cat! Writes a Novel: The Last Book on Novel Writing You'll Ever Need* (2018).

Anatomia da crítica é considerada a obra mais influente de Northrop Frye. Em quatro ensaios o autor discorre sobre o escopo, princípios e técnicas da crítica literária e das convenções da literatura - seus modos, símbolos, arquétipos e gêneros. A obra *Save the Cat*, por outro lado, é uma popular série de livros de roteiro escrita por Blake Snyder, um dos autores mais citados e referenciados no campo da roteirização. Após estudar as obras de Snyder, a escritora americana Jessica Brody adaptou o método do roteirista para a escrita de romances. Seus estudos resultaram na publicação de *Save the Cat! writes a novel: the last book on novel writing you'll ever need* em outubro de 2018. A obra oferece um guia abrangente da estrutura geralmente utilizada na composição do enredo de romances baseado na metodologia de Blake Snyder. Na obra, a autora apresenta uma espécie de roteiro que se estende desde a imagem de abertura de um romance até os possíveis desdobramentos da ação final. Sob influência evidente de obras como a *Poética* de Aristóteles, estudos sobre a estrutura dos mitos, como os realizados por Joseph Campbell e Lévi-Strauss, e estudos estruturalistas sobre a composição de narrativas, a obra de Jessica Brody auxiliou a pesquisa na construção de uma base da estrutura narrativa de *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna*.

1.1 CADÁVER EXQUISITO

O romance inicia com a ambiguidade de seu título, pois, em espanhol, a palavra *exquisito* possui dois significados. Segundo o dicionário online da Real Academia Española, a palavra pode ter o sentido de singular, isto é, algo raro, exótico, ou o

sentido de saboroso. Nesse caso, compreende-se que para alguns dentro da narrativa a carne humana é vista como algo exótica (no sentido de estranha), enquanto para outros como saborosa.

Dividida em duas partes, nas quais os capítulos são marcados apenas numericamente, a história é contada de forma cronológica. O narrador, que não participa diretamente da história, acompanha o protagonista do romance, Marcos Tejo, e tem consciência dos seus medos, desejos e pensamentos. Como afirma Pavloski (2014), tal opção de narrador se torna vantajosa em termos narrativos, pois, ao figurar um monólogo interior da personagem e tornar o seu subconsciente visível, o autor integra a análise psicológica com o desenvolvimento da história.

As primeiras páginas do romance são dedicadas a apresentar um dos arcos narrativos centrais em que, após um vírus afetar todas as espécies de animais e oferecer perigo letal aos seres humanos, o mundo se viu diante de uma situação até então inimaginável: a impossibilidade de seguir consumindo proteína animal. Vacinas foram testadas, mas o vírus resistiu e se modificou. As divergentes informações, as dúvidas sobre medidas de proteção, o crescente número de mortos infectados e a possibilidade de escassez de recursos fez com que a população entrasse em histeria coletiva. Pobres, imigrantes e marginais começaram a desaparecer em massa. Casos de canibalismo foram relatados pelos meios de comunicação. Animais foram queimados vivos nas ruas.

No princípio, a proposta era o veganismo, mas não tardou para cientistas publicarem estudos afirmando a necessidade da proteína animal para a sobrevivência humana. O governo, que estava sendo incessantemente cobrado por uma solução, decidiu legalizar a reprodução, criação e consumo de carne humana. A decisão, apoiada em estudos científicos, tinha o objetivo de restaurar a ordem social e garantir a sobrevivência dos indivíduos.

Durante a “Transição”, nome dado ao processo em que se deixa de consumir carne animal e se passa a consumir carne humana, os frigoríficos e suas regulações foram adaptadas. A carne humana foi ressignificada e passou a ser chamada de “carne especial”. Lentamente a população se adaptou à nova realidade, ao passo que os protestos e manifestações contrários foram “silenciados”.

Nesse arco central, o leitor é inserido em uma sociedade ficcional onde o canibalismo está legalizado e a sociedade está dividida entre consumidores e consumidos. Agustina Bazterrica utiliza um modelo narrativo em que o protagonista e

o espaço ficcional são inseparáveis para a evolução do texto, pois, ao mesmo tempo em que a nova forma de viver em sociedade é apresentada, percebe-se como essa nova realidade social afeta diretamente a vida do protagonista. A personalidade de Marcos Tejo é resultado dos comportamentos impostos pela sociedade, que tem por objetivo controlar e vigiar os indivíduos. No entanto, como será visto a seguir, em vários momentos na narrativa é destacado o posicionamento crítico de Marcos Tejo em relação às normas sociais que buscam massificar os sujeitos. Esse conflito existente entre o personagem e o espaço ficcional é uma composição frequentemente utilizada em narrativas distópicas, como pode ser observado no personagem Winston Smith de *1984*, Guy Montag de *Fahrenheit 451* ou ainda Bernard Marx e Lenina Crowne de *Admirável Mundo Novo*, através dos quais é dado ao leitor o conhecimento das arbitrariedades dos governantes de suas sociedades.

A partir do segundo capítulo, ocorre a introdução do segundo arco central que consiste na revelação de aspectos pessoais do protagonista. Marcos Tejo revela possuir aversão ao próprio trabalho, questionando-se o tempo todo sobre a necessidade de fazer o que faz. Descobre-se, através da inserção de novos personagens, que o pai, após enlouquecer com o surgimento do vírus, foi internado em um asilo; que sua esposa, Cecília, o abandonou e saiu de casa há alguns meses; e que ele não possui um bom relacionamento com a irmã, Marisa.

Ao observar a composição do personagem a partir dos modos ficcionais trágicos propostos por Northrop Frye em sua obra *Anatomia da Crítica*, nota-se que Marcos Tejo se encaixa no modo mimético baixo³, uma vez que o personagem está em pé de igualdade em relação aos outros homens e ao seu ambiente, “o herói é um de nós” (2014, p. 146). A melhor palavra para caracterizar esse tipo de tragédia é *páthos*, que apresenta o herói isolado em uma fraqueza, apelando à simpatia do leitor, já que se encontram no mesmo plano de experiência. A base do *páthos* consiste, como lembra Frye (2014), em excluir um indivíduo de um grupo social ao qual ele está tentando pertencer, sendo assim, o *páthos* centra-se em estudar a mente isolada do indivíduo, a forma como alguém semelhante ao leitor está dividido por um conflito

³Em *Anatomia da Crítica* Northrop Frye recorre às proposições de Aristóteles na obra *Poética* sobre como as diferenças nas obras de ficção são causadas pelas diferentes elevações dos personagens. A partir de então, Frye discorre sobre como as ficções podem ser classificadas não moralmente, mas pelo poder de ação do herói, e assim, elabora os modos ficcionais trágicos. Cada capítulo da obra de Frye é, em certo sentido, um aprofundamento das categorias/estruturas da tragédia proposta por Aristóteles em *Poética*.

entre seu mundo externo e interno, entre a realidade imaginada e a realidade imposta pelo contexto social.

O terceiro e o quarto capítulo são importantes em termos de descrição do funcionamento da indústria de proteína animal. Ao acompanhar o protagonista em mais um dia de trabalho, o leitor tem acesso a todos os detalhes da criação dos humanos para consumo. A visita que Marcos faz a um dos criadores permite o acesso à realidade interna desses locais. No *tour* realizado na instalação, descobre-se que, ao nascer, as cabeças⁴ têm as cordas vocais retiradas para evitar que desenvolvam a habilidade da fala. A maioria recebe hormônios para acelerar o crescimento e tornar a carne mais barata e acessível no mercado, no entanto, também existem as cabeças da Primeira Geração Pura, uma carne pura, sem nenhuma modificação genética e, conseqüentemente, mais cara. Desde o nascimento, todas as cabeças são isoladas, primeiro em incubadoras e, mais tarde, em jaulas. Os machos de melhor qualidade são utilizados na coleta de sêmen, e toda a reprodução ocorre através de inseminação artificial. Além da carne, existe também o mercado do leite, da pele, da gordura, do cabelo e, futuramente, deve-se iniciar a criação de cabeças destinadas exclusivamente a transplantes de órgãos.

Frente a toda a realidade por trás das paredes de um criadouro, Marcos Tejo se demonstra desconfortável, apesar de fazer parte desse sistema. Enquanto o dono do criadouro conversa com um possível investidor, Marcos se questiona sobre a necessidade de consumo de carne humana e a forma como as cabeças são tratadas. Esse sub arco evidencia o quão destoante Marcos Tejo é do sistema. Ele se demonstra inadaptado, e isso pode indicar uma trajetória revolucionária no decorrer do romance.

Nos capítulos seguintes surge um elemento motivador na vida do protagonista que indica uma possibilidade de transformação. Como forma de agradecimento pelos negócios com o criadouro, Marcos recebe de presente uma fêmea da Primeira Geração Pura. “*Con la venta de esa hembra se puede acumular una pequeña fortuna*” (BAZTERRICA, p. 2018, p. 42). Após a inútil tentativa de recusar a gratificação, ele a deixa amarrada em seu galpão. Por lei, Marcos pode matá-la para consumo, vendê-la ou inseminá-la, embora demonstre não ter coragem para nenhuma dessas atitudes.

⁴ O termo "cabeças" ou "produtos", assim como na narrativa, também será utilizado neste trabalho para referir-se aos humanos destinados a consumo.

Nos momentos seguintes da narrativa, mais uma vez o trabalho de Marcos fornece ao leitor a oportunidade de conhecer a estrutura que compõem a rede frigorífica. Ao visitar os açougues na cidade, uma nova personagem entra em cena: Spanel, a dona de um dos açougues da cidade e com quem Marcos já teve um caso amoroso no passado. Apesar da inserção da personagem, o foco deste sub-arco é demonstrar como ocorreu a adaptação dos açougues ao novo tipo de carne. A visita revela que foi necessário mudar o nome dos cortes, para que assim a adaptação dos clientes ocorresse de forma mais amena - *“Durante la adaptación se tomaron muchos nombres de los cortes vacunos y se mezclaron con los de los cortes porcinos. Se redactaron nuevos nomencladores y se diseñaron nuevas láminas con los cortes de la carne especial”* (BAZTERRICA, 2018, p. 52).

No outro dia, Marcos viaja até o asilo onde o pai está internado. No caminho, no entanto, para no zoológico abandonado da cidade. Esse capítulo é importante por dois motivos: primeiro pela desobediência civil em visitar o zoológico mesmo depois das fontes oficiais alertarem sobre a possibilidade de ainda haver algum animal solto no local, o que novamente reforça sua inadaptação ao sistema; segundo, é na sua visita ao zoológico que Marcos revela a perda do filho de um mês e meio de idade, principal motivo para que sua esposa tenha saído de casa.

Em *Save the cat* (2018, p. 10), Jessica Brody indica que uma narrativa é composta pelo arco central A, que conta a história dos eventos externos; e o arco central B, que conta a história dos eventos internos. Essa estratégia é recorrente e compõe a narrativa de *1984* de George Orwell, por exemplo. De um lado, o Grande Irmão e as inúmeras regras determinadas pelo Partido; e de outro, o protagonista Winston Smith e sua trama pessoal, como a paixão por Júlia, uma funcionária do Departamento de Ficção. Em *Cadáver Exquisito*, Agustina Bazterrica também utiliza dessa estratégia ao combinar os eventos externos, existência do vírus e transformação social, com o drama pessoal de Marcos Tejo.

Além disso, para Brody (2018) o protagonista de uma narrativa deve possuir três características fundamentais: um problema (flaw) a ser consertado; um objetivo a ser alcançado e uma lição a ser aprendida. Por essa perspectiva, a falha (*flaw*⁵) de

⁵O termo *flaw* proposto por Jessica Brody é semelhante ao conceito de *hybris* presente na obra *Poética*, a qual Aristóteles considerava essencial para todas as tragédias. *Hybris* pode ser definida como uma marca do herói, um comportamento excessivo que responde, em certo sentido, pela responsabilidade do herói sobre a catástrofe que o abate (POPPELAARS, 2017).

Marcos Tejo consiste na sua incapacidade de consertar as dimensões que estão desorganizadas em sua vida, como a loucura do pai, a morte do filho e a ausência da esposa. Além do mais, sua inadaptação ao seu trabalho e ao consumo de carne humana, são motivos externos que também o impedem de mudar internamente. Sendo assim, o entrelaçamento adequado entre o arco central A (fatores externos) e o arco central B (fatores internos) compõem estrategicamente o enredo.

Em outro momento da obra, Marcos precisa realizar uma entrevista com dois candidatos que desejam trabalhar no frigorífico. Por se tratar de um trabalho psicologicamente difícil, a entrevista consiste em mostrar todo o processo de abate para que seja possível observar se os candidatos possuem condições psicológicas para a função. Nesse sentido, a entrevista é também uma forma utilizada para apresentar ao leitor como ocorre o processo do abate das cabeças. A entrevista se inicia na triagem, onde se confere a saúde das cabeças. Na sequência, após um banho de aspersão são colocadas em jaulas até o momento do abate. Na primeira sala, são aturdidadas e, quando desmaiadas, são amarradas pelos pés para que se possa fazer um corte no pescoço e retirar todo o sangue do corpo. Após o dessangramento, os corpos são colocados em um tanque com água fervente para que toda a pele possa ser retirada. Na outra sala, tripas, órgãos, pés, mãos e cabeça são retiradas. Por último, os corpos são levados à sala de cortes e, posteriormente, a carne é embalada e enviada ao seu destino. No final da entrevista, ao receber a notícia de que será contratado, o candidato não esboça nenhuma reação positiva. Para Marcos é completamente normal, já que *“nadie que esté realmente cuerdo se alegraría por hacer ese trabajo”* (BAZTERRICA, 2018, p. 93).

Jazmín, nome dado à fêmea, parece ser a personagem que, segundo Jessica Brody (2018), é introduzida no ato dois da história e que de alguma forma ajudará o herói na transformação. Esse personagem é diferente do mundo do ato 1, ele é do mundo do ato 2. Apesar de a fêmea ter sido introduzida no ato 1, nesse ponto da narrativa ela se configura como outra personagem. Ela passou a ser Jazmín, uma personagem que passou a ser importante na vida do protagonista e que será fundamental no desenrolar do enredo.

Embora nessa parte do romance se tenha a impressão de que toda a descrição técnica da sociedade canibal já tenha sido realizada, nos capítulos seguintes ocorre a apresentação do laboratório. Para Marcos, a visita ao laboratório é uma das tarefas mais difíceis que seu trabalho exige, pois, no local, o protagonista presencia os mais

diversos experimentos: cabeças viciadas em drogas ilícitas para estudar os efeitos no cérebro; outras que respiram nicotina o dia todo para compreender os efeitos nos pulmões; crianças isoladas em jaulas para estudar seu comportamento, etc. Dessa vez, o pedido do laboratório são cabeças fisicamente fortes para realizar uma simulação de um acidente de carro. Durante a visita, o protagonista se demonstra incomodado com Valka, a médica responsável pelos experimentos. Mas, diferentemente da visita ao criadouro, dessa vez ele questiona e critica algumas falas de Valka em voz alta. Com tal atitude, *“ella lo mira extrañada. Él siempre fue atento, siempre la escuchó y habló o justo y necesario para que ella sintiera que él estaba interesado”* (2018, p. 220). Na saída, ele recebe uma ligação da esposa. Porém, diferente de antes, Cecília parece tentar reatar a relação, mas dessa vez é Marcos quem se distancia. É possível observar através desses fatos como o seu mundo anterior, sem Jazmín e a gravidez, parece já não fazer mais sentido.

A recente morte do pai, a gravidez de Jazmín, a péssima relação com a irmã e a insatisfação com o trabalho constitui o momento em que Brody (2018) afirma que os problemas do herói ainda não foram superados. Isto é, embora Marcos Tejo reconheça seus problemas ele ainda não sabe como superá-los. O último capítulo da obra relata um dos momentos mais delicados para Marcos Tejo. Ao chegar em casa depois de um longo dia de trabalho, ele encontra Jazmín com expressão de dor e um corrimento marrom. Por ter estudado e se preparado para o nascimento, sabia que o corrimento indicava perigo para ela e para o bebê. Para Brody (2018) chega um momento da história em que o herói se encontra pior do que quando começou sua trajetória e, assim, não há outra alternativa a não ser a transformação. Frente a possibilidade de perder outro filho, de ver Jazmín morrer e de ser condenado à morte, definitivamente esse parece ser o pior momento na trajetória do protagonista.

Sem poder levá-la a um hospital, decide pedir ajuda a única enfermeira que conhecia e que sabia que seria confiável: Cecília, sua esposa. Quando Cecília chega em casa e encontra a fêmea grávida, entra em desespero. Não entende como o marido foi capaz de cometer tamanho crime. Mesmo discordando com a atitude, resolve ajudá-lo. Jazmín dá à luz a um menino saudável. Instintivamente, tenta agarrar o filho que está nos braços de Cecília. Nesse momento, Marcos abraça Jazmín e surpreendentemente atinge sua cabeça com uma marreta. Cecília o questiona com indignação: *“¿¡Por qué?! Podría habernos dado más hijos”* (BAZTERRICA, 2018, p.

249). Enquanto ele leva o corpo de Jazmín até o galpão para matá-la, responde: “*tenía la mirada humana de un animal domesticado*” (2018, p. 249).

2.2. NACIÓN VACUNA

O livro *Nación Vacuna* (2017) é dividido em dezoito capítulos, cada qual com um título específico. A autora Fernanda García Lao opta por uma peculiar estrutura de texto, em que os parágrafos de cada capítulo são separados por um espaço vazio de cerca de três linhas que indica a mudança do foco narrativo.

A narração do romance é feita a partir da perspectiva do protagonista, Jacinto Cifuentes. Na imagem de abertura da obra é contrastado o antigo e o atual mundo do protagonista. Jacinto Cifuentes, que antes trabalhava no açougue do pai afiando as facas em troca do curso de administração, agora, já formado, é funcionário público. “*Ahora que soy funcionario, la mano derecha me duele de manipular conciencias y papeles*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 12). Desde que a Argentina supostamente ganhou a guerra das Malvinas, a Junta que assumiu o poder - formada por um ginecologista, um comissário e um engenheiro - está instalada em Rawson, cidade que passou a ser a capital do país. Jacinto é um dos responsáveis pela seleção de mulheres aptas a participar de um projeto, desconhecido até então. As candidatas são analisadas a partir do modelo de cuidados da enfermeira Virgínia Henderson⁶, que contém quatorze perguntas básicas. Apesar de ser um funcionário importante para o andamento do projeto, Jacinto revela não se importar com o trabalho. “*No me interesa lo que hago [...] soy un inadaptado*” (2017, p. 15-16).

São nas primeiras páginas do romance, portanto, que ocorre a apresentação da vida do herói. A monotonia da vida de Jacinto Cifuentes, seu desinteresse pelo trabalho e sua vida solitária faz com que o personagem se sinta inadaptado e indiferente ao mundo em que vive. Como ele mesmo afirma, “*después de completar*

⁶ O modelo de cuidados da enfermeira Virgínia Henderson abrange quatorze necessidades básicas de um indivíduo: respiração, hidratação e nutrição, eliminação dos resíduos orgânicos, capacidade de mover-se e manter uma boa postura, descanso e sono, uso de roupas adequadas, temperatura corporal regulada, manter a higiene, ato de evitar os perigos, capacidade de se comunicar, viver segundo suas crenças e valores, trabalhar, participar de atividades recreativas. e capacidade de aprendizagem. Em síntese, o modelo de Henderson serve como orientação de cuidados aos pacientes a partir das quatorze necessidades básicas acima elencadas (JIMENEZ-CASTRO; SALINAS-DURÁN; SÁNCHEZ-ESTRADA, 2004).

mil formularios, no se siente [...] es la repetición la que me pone en estado de indiferencia” (GARCÍA LAO, 2017, p. 12). Segundo Jessica Brody (2018), quanto mais dimensões da vida do protagonista são apresentadas, mais fácil a compreensão da dimensão humana do personagem. Essa composição narrativa facilita a compreensão do leitor sobre as relações entre causa e efeito que levam o protagonista inevitavelmente a uma jornada de transformação. Frente a isso, nota-se que Jacinto Cifuentes também se encaixa no modo mimético baixo, pois ele não está em posição superior aos outros homens ao seu redor (FRYE, 2014).

O segundo capítulo do livro é destinado a apresentar o segundo arco narrativo central. Na obra, diferentemente dos fatos históricos, é dito que a Argentina venceu a Guerra das Malvinas em 1982. No entanto, antes da partida estratégica, os inimigos envenenaram secretamente as águas. Extasiados pela vitória e ignorando a suspeita rendição dos adversários, a equipe responsável pela estratégia militar viajou até as ilhas para comemorar junto aos soldados. A festa, com direito à bebida e mulheres, foi drasticamente interrompida com o surgimento dos primeiros sintomas de uma desconhecida doença causada pelo envenenamento: contração das pupilas, dificuldade para respirar, náuseas e espasmos. Grande parte dos soldados vieram a óbito, alguns entraram em estado de coma. *“La victoria les duró un instante”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 23)

Depois da suposta vitória da Guerra, Jacinto passou a trabalhar para o projeto elaborado pela nova Junta que comanda o país. No entanto, o objetivo final do projeto ainda é desconhecido, sendo que Jacinto apenas possui ordens para a aplicação dos questionários. Através das respostas, será possível chegar às candidatas afirmativas, as únicas mulheres que *“accederán a otro tipo de vida. No sabemos cuál ni nos importa”* (2017, p. 27). Após mais uma etapa da seleção, de duzentas candidatas restam apenas quinze. As mulheres agora são transformadas em números, e Jacinto é responsável por cinco delas. A primeira mulher que obtiver resposta afirmativa nas quatorze perguntas do questionário será selecionada para a importante missão. Apesar do país ter supostamente ganhado a guerra, tanto os soldados sobreviventes quanto a frota naval no país ainda estão nas ilhas - *“Ganar las M nos dejó solo. Sin ejército, no somos un país sino un riesgo”* (2017, p. 43). O projeto é, nesse sentido, a promessa de futuro da nação argentina.

Ao mesmo tempo que ocorrem as etapas do projeto, os problemas pessoais do protagonista começam a emergir através da inserção de novos personagens. Seu

irmão, Leopoldo, é um importante funcionário da Junta, e seu sucesso profissional parece incomodá-lo. Tanto que, comemorar a promoção do irmão causa em Jacinto *“un deseo incontrolable de suicidio [...]”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 58). Outra importante personagem é Mona, sua cunhada, com quem Jacinto revela ter tido um caso há alguns anos. Na época em que Leopoldo morava em outra cidade para estudar, Jacinto e Mona mantiveram um relacionamento escondido. No entanto, *“un día mi hermano se recibió y la pidió en casamiento. La vaca dijo sí [...]”* (GARCIA LAO, 2017, p. 64). Além disso, Jacinto se sente rejeitado pelos pais, pois para ele Leopoldo é nitidamente o filho preferido. O sentimento de rejeição em relação à família e sua indiferença ao sistema social demonstram ser aquilo que Brody (2018) nomeia como a falha (*flaw*) do protagonista existente em toda narrativa. Falha no sentido de que são essas características de Jacinto Cifuentes que estão o impedindo de uma evolução pessoal e profissional nesse ponto da narrativa.

Na sequência do romance, Jacinto recebe uma intimação para o evento de posse do irmão, que foi nomeado como novo engenheiro da Junta. Durante o evento ocorre a divulgação pública do objetivo do projeto.

La ganadora del Proyecto Vacuna viajará a las M, secundada por dos finalistas. Los treinta infectados las esperan. Nunca los olvidamos, mienten. Hemos logrado una Vacuna que es un escudo de protección masivo [...] Las seleccionadas vivirán con los héroes en los barracones hasta quedar preñadas. Las M resurgirán y de ellas nacerán niños sanos. Gracias a las hembras reconquistaremos el mito de nuestro más preciado pedazo de tierra (GARCÍA LAO, 2017, p. 70-71)

A divulgação oficial resulta na manifestação de algumas mulheres que afirmam estarem sendo excluídas da possibilidade de salvar a pátria. Para evitar problemas maiores, o chefe do projeto decide abrir uma seleção pública. Enquanto a população acredita que haverá uma seleção justa entre as inscritas, Planes afirma que para evitar burocracia e economizar tempo, a mulher será escolhida por um sorteio - *“Si no sobrevive, cosa muy probable, será elevada a Ciudadana Ilustre por Decreto”* (2017, p. 78). Tal fato evidencia a discrepância entre as informações oficiais repassadas à população e os fatos reais.

No outro dia, Jacinto recebe a informação de sua supervisora de que, além das mulheres do projeto, a equipe responsável pela seleção também deve viajar até as ilhas. *“¿No entendés? ¡El grupo Vacuna las acompaña! ¡Nos vamos a las M!”* (2017, p. 88). Essa informação pode ser considerada como o elemento motivador para o

protagonista, que consiste em um fato ou informação que provoca uma perturbação na vida do herói (BRODY, 2018). A informação desestabiliza Jacinto Cifuentes, o tirando de seu estado de indiferença. “¿Terminar mis días en las M? [...] Prefiero dinamitar la corbeta durante la travesía, sucumbir en las aguas congeladas del Atlántico” (GARCÍA LAO, 2017, p. 89).

No final da etapa de seleção, três candidatas foram selecionadas. As mulheres agora são identificadas pelo nome. Elas são: Lucero, Martha e Cristiana. Também há a “selecionada do povo”, que coincidentemente foi Mona, a cunhada de Jacinto Cifuentes. Inicialmente o plano da viagem consistia em a equipe viajar em um barco chamado *Nación Vacuna*. Contudo, um dia antes da partida o barco sofreu um atentado e teve seu motor roubado. Diante disso, um novo plano foi elaborado. A equipe agora deve viajar em um micro-ônibus, que será seguido por um caminhão que transporta o barco. O intuito é viajar até a Bahía Bustamante onde um novo motor será colocado no barco. Somente minutos antes da partida, Planes - o idealizador do projeto - afirma que não pode acompanhá-los. Sendo assim, a equipe está composta por onze tripulantes: as quatro mulheres selecionadas, os três responsáveis pela seleção - Teodolina, Erizo e Jacinto - dois motoristas, o comandante do barco e o fotógrafo estatal.

O momento em que se inicia a viagem é o momento em que Jacinto deixa seu velho mundo e entra no novo, pois, como será visto adiante o projeto provoca mudanças no protagonista. (BRODY, 2018). No decorrer da viagem, o micro-ônibus estaciona para esperar o caminhão que ficou para trás. Com a demora, Teodolina e o motorista decidem voltar para averiguar a situação, enquanto o restante da equipe decide esperar na estrada. Repentinamente, o céu escurece e uma tempestade cai sobre eles. Desesperados, encontram abrigo em um bunker ao lado da estrada. Somente pela manhã, com o retorno do micro-ônibus e do caminhão, a equipe percebeu que uma das candidatas fugiu com o fotógrafo estatal, enquanto outra foi encontrada morta sob a areia. Diante do ocorrido, mais uma vez os planos são alterados. Dessa vez, a equipe deve permanecer no bunker enquanto o motorista do micro-ônibus viaja até a Bahia para buscar o motor. Segundo o chefe do projeto, o barco pode ser colocado na água no local onde a equipe está acampada.

Na sequência da narrativa, o leitor se depara com uma nova discrepância entre os fatos ocorridos e as informações repassadas à população. Jacinto revela que “*hace varios días que el micro partió en busca del motor en Bustamante y aún no ha*

regresado” (GARCÍA LAO, 2017, p 163). No entanto, apesar da equipe ainda estar longe das ilhas Malvinas, a Junta informou à população que a missão foi um sucesso, que *“las hembras comenzaron sus copulaciones. Se espera que en unos meses nazcan los primeros habitantes sanos de las M”* (GARCÍA LAO, 2017, p 166). Sendo assim, Planes decreta que a equipe deve aguardar novas ordens, pois retornar à capital não é mais uma opção.

Dias após a saída do motorista em busca do motor, o grupo percebe que precisa ignorar as ordens de Planes e elaborar um plano. Jacinto é solicitado para dois favores: o primeiro, é ajudar o comandante a construir uma rampa para que seja possível colocar o barco na água; e o segundo é que engravide Mona. Como a população acredita que nesse momento as mulheres já estejam grávidas dos heróis envenenados, o plano consiste em engravidar Mona e retornar à capital carregando no ventre um filho, que será dito ser de um dos *envenenados de las M*.

Quando a construção da rampa termina, a equipe percebe que tanto Mona quanto Erizo estão grávidas - *“Sos un genio, Jacinto [...] si falla una, tenemos suplente”* (GARCÍA LAO, 2017, 186). Com o plano em funcionamento, eles programam a viagem para o dia seguinte, e por isso deixam o barco posicionado estrategicamente perto da água. Nesse ponto Jacinto reconhece que está diferente, pois longe da Junta e do seu trabalho, *“casi parezco una persona”* (2017, p. 167)

Contudo, durante a noite novamente a equipe é surpreendida por uma tempestade, mas dessa vez o bunker está longe e a única solução é se abrigarem dentro do barco. Com as fortes rajadas de vento, o barco é arrastado mar adentro, e o comandante não tem controle algum sobre a embarcação. Ao amanhecer, percebem estar em mar aberto e sem nenhuma comunicação. Minutos depois, enxergam as ilhas e quando se aproximam percebem que Argentina nunca venceu a Guerra das Malvinas, pois *“los colores del enemigo ondean sobre el mástil. Perdimos”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 196).

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE UTOPIA E DISTOPIA

A capacidade de sonhar e imaginar sobre o próprio futuro parece ser um dos atributos que caracteriza a humanidade. Diante disso, a utopia surge tanto como gênero literário quanto como a exposição de uma sociedade justa e feliz, considerada perfeita não por ser atribuída a um regime metafísico, mas por ser “produzida pelos homens e para os homens” (FIGUEIREDO, p. 324, 2009). Nas sociedades ideais, os princípios da liberdade e igualdade são os norteadores, mas, apesar disso, existem leis, punições, hierarquias e estado, e, portanto, a liberdade dos cidadãos permanecesse cerceada pelos limites do coletivo. Isso significa que a autonomia não é a norma, sendo o regime de vida dos cidadãos regulado pela subordinação às regras da sociedade, na qual os desejos individuais são suprimidos em prol da máxima harmonia coletiva.

Por essa perspectiva, a utopia, enquanto sociedade universal, ignora as diferenças inerentes a todo agrupamento humano e, nesse ponto, a sociedade ideal, que tenciona uma vida sem contratempos e conflitos, passa a ser a angústia de alguns sujeitos. Ou seja, a utopia de alguns pode ser a distopia de outros. Devido a essa condição, o filósofo Jerzy Szachi (1972) defende a dificuldade em definir um limite entre o conceito de utopia e distopia, sendo custoso falar de um sem mencionar o outro. Nesse sentido, este capítulo tem justamente como objetivo refletir sobre o conceito de utopia e a linha tênue que separa utopia e distopia para, posteriormente, adentrar no gênero da literatura distópica.

2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE UTOPIA

Em seu livro *A reconstrução da Utopia* (2006), Fernando Ainsa analisa o significado da palavra utopia, que para o autor, aparece pela primeira vez em 1516 como o título da obra do filósofo inglês Thomas More. A obra *Utopia* (1516) caracterizou-se com base na noção mais aceita da etimologia da palavra - em grego *tópos* significa lugar e o prefixo *u* tende a ser utilizado com um sentido negativo, de

maneira que utopia significa “não-lugar” ou “lugar-nenhum” (AINSA, 2006, p. 23). De acordo com Marilena Chauí em *Notas sobre Utopia* (2008, p. 7), a presença de palavras com sentido negativo é frequente na obra de Thomas More, uma vez que a própria capital da ilha se chama “*Amaurote*, a não-visível, situada às margens do rio *Anhydria*, sem água, seus habitantes são os *Alaopolitas*, sem cidade, governados por Ademos, príncipe sem povo, e seus vizinhos são os *Achorianos*, homens sem-terra”. A negatividade indica que esse não-lugar é aquele que nada têm em comum com a realidade em que vivemos, sendo a descoberta do absolutamente novo.

A partir da publicação e receptividade do texto de Thomas More, outras obras foram publicadas tendo em comum a reprodução de cenários e espaços isolados no qual viviam sociedades ideais. Jerzy Szachi (1972) afirma a impossibilidade de definir, mesmo que aproximadamente, o número de obras utópicas existentes. A obra de Thomas More não só incentivou novos textos, como o rótulo de utopia passou a ser destinado também a obras anteriores a sua publicação, como *A República* de Platão (SZACHI, 1972).

À vista disso, muitos estudiosos divergem sobre a gênese do pensamento utópico, o que faz com que também seja difícil determinar as características da produção utópica. Para Pasold (1999), textos utópicos podem ser abordados por historiadores, estudiosos da literatura, filósofos, sociólogos, entre outros, e, dessa forma, o estudo é delimitado de acordo com os interesses e preocupações de cada um. Apesar disso, existe um vasto catálogo de obras caracterizadas como utópicas a partir do século XVI, mesmo que algumas apresentem sentidos antagônicos em seus textos, como anarquia e tirania ou liberdade e ditadura. Szachi (1972) esclarece que a utopia, vista como gênero literário, é apenas um de vários sentidos que as enciclopédias e dicionários atribuem ao termo. Sendo que, para o autor, a utopia é, acima de tudo, um posicionamento crítico diante da realidade, independente se tenha como resultado uma obra filosófica, sociológica ou literária.

Para Ainsa (2006), essas divergentes características das utopias bem como sua limitação ao gênero literário ao longo do tempo ocasionaram o que o autor chama de indefinição semântica.

Quando uma palavra quer dizer tudo e serve para designar tanto uma coisa como seu contrário [...] seu significado se dispersa até perder-se no pejorativo, o que antes de tudo se suspeita é de que por trás da contradição entre tão diferentes concepções existe uma indefinição semântica (2006, p. 25)

Para defender essa posição, o autor sugere uma breve expedição à etimologia do termo. Após a publicação da obra de Thomas More, ocorre o surgimento de termos como utópico e utopiano, esse último desaparecendo logo depois. Já o termo utopismo surge como uma tentativa de demonstrar que a intenção e/ou modo prevalece sobre o gênero literário, e o adjetivo “utópico”, por sua vez, transforma a utopia em uma espécie de “estado de espírito” (AINSA, 2006, p. 26). Também há o surgimento do conceito de utopista, aquele que, de certa forma, exerce o utopismo.

Enquanto Ainsa (2006) percorre sobre os termos derivados da palavra utopia, Szachi (1972, p. 13), em sua obra, já havia classificado o utopista como aquele que “não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta”. Essa definição sugere que, ter um pensamento utópico é estar diante do desejo de substituir a realidade por outra definitivamente melhor, sem que seja necessário escrever uma utopia - no sentido do gênero - para que haja no texto pensamentos utópicos. O escritor brasileiro Lima Barreto, por exemplo, demonstrou através de seus textos o desejo de transformação social e política de seu país, sem que suas obras fossem inseridas como obras literárias utópicas. No entanto, seus textos ficcionais foram suficientes para que diversas teses e dissertações tivessem como objetivo evidenciar o utopismo do autor difundido através de sua literatura. O seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), por exemplo, é objeto de análise de diversos estudos que buscam demonstrar o pensamento utópico de Lima Barreto através de Policarpo Quaresma, um excêntrico funcionário público que dedicou mais de cinquenta anos de sua vida investigando a realidade brasileira para posteriormente tentar mudá-la⁷. Nesse sentido, embora Lima Barreto não tenha escrito diretamente uma obra utópica, com as características próprias do gênero, o desejo de substituir a realidade do país por outra melhor denuncia o pensamento utópico do autor para diversos pesquisadores.

⁷ O romance de Policarpo Quaresma é estruturado em três partes que se passam em três ambientes diferentes no qual o protagonista deseja mudar a realidade brasileira em três âmbitos sociais: cultura, economia e política. Na primeira parte, ele atua como pesquisador de folclore e reformador cultural; na segunda, administra uma fazenda modelo em Curuzu; e na terceira assume a função de oficial da guerra civil e tenta implantar suas reformas políticas durante a repressão do levante da Marinha na Baía da Guanabara. No entanto, Policarpo Quaresma sempre fracassa por tentar aplicar mecanicamente à realidade as doutrinas alienadoras que aprendeu nos livros (ZILLY, 2003, p. 57).

Apesar da dificuldade de delimitar com precisão o surgimento do utopismo bem como a definição da utopia enquanto gênero literário, alguns atributos comuns nas obras utópicas, desde as primeiras publicações, permitiram a elaboração de um rol de características que servem como base para caracterizar o gênero. Em sua análise, Ainsa (2006) cita alguma dessas características, como o isolamento espacial; o mínimo contato com o mundo “exterior”, o desconhecimento do que havia antes e de como se constituiu a sociedade utópica, a projeção de uma cidade ideal e também a regulamentação da vida cotidiana, do trabalho ao ócio, na tentativa de prever todos os acontecimentos.

Ainsa (2006) demonstra como toda utopia pressupõe a renúncia de tempo presente e/ou espaço no qual se vive e a representação de um território existente em outro lugar e tempo, ainda que imprecisos. A dissociação espacial se justifica na incapacidade do homem de “conceber felicidade no lugar e no tempo em que vive” (Ainsa, 2006, p. 53). Por essa razão, existe um limiar entre a realidade e o espaço idealizado, o que esclarece a peculiaridade dos espaços clássicos do gênero utópico: ilhas, desertos, topos de montanhas, cidades inacessíveis e longe do imaginário geográfico. É notório o distanciamento existente entre a realidade dos sujeitos e os modelos sociais idealizados. Sobre isso, Pavloski (2014, p. 34) também discorre ao afirmar que

[...] a insatisfação com o mundo real e/ou com os regimes que o regulam incita esses pensadores a refletirem constantemente sobre um passado no qual os males do presente não são verificáveis ou sobre um futuro em que as injustiças sociais estariam suprimidas.

Nesse sentido, para os pensadores que se voltam ao passado, a utopia se caracteriza como algo que já aconteceu, um tempo perdido e irrecuperável em que a melhor gestão do homem ocorreu e se extinguiu. Enquanto os pensadores que apontam para o futuro podem evocar duas perspectivas distintas. A primeira que a sociedade ideal só pode ser alcançada num plano superior, marcada por uma divindade, o que sugere a negação da capacidade humana de construir uma sociedade ideal; e a segunda, que afirma que o mundo ideal será realizado longe dos aspectos temporais que se conhece, o que não significa ‘nunca’, mas também não se pode determinar uma época conhecida. E por esse lado, os utopistas que olham para o futuro buscam alternativas tanto na perspectiva econômica, social e/ou política, e com isso, pode-se inferir que “todo desejo por reformas sociais acaba por carregar em

si a semente da utopia, a partir da oposição entre os aspectos do mundo real no qual os indivíduos vivem e do mundo ideal que almejam” (PAVLOSKI, 2014, p. 39).

De fato, fala-se muito em sociedade ideal, mas é importante colocar em questão: como seria a sociedade ideal? É possível existir uma sociedade universal ideal que leva em consideração as diferenças de todo o agrupamento humano? Por esse ângulo, estabelecer uma sociedade universalmente ideal parece um projeto irrealizável, pois mesmo na *Utopia* de Thomas More, em que tudo seguia seu fluxo natural e sem conflitos, a vida era regulada de forma heterônoma. A partir desses questionamentos, em meados do século XVIII o pensamento utópico passou a estar no centro de ataques e críticas recorrentes.

Evanir Pavloski (2014) dedica uma parte de seu livro para discutir sobre os fatores que possam ter colaborado para as críticas à utopia. O autor acredita que a expansão e indefinição semântica do termo e seu significado etimológico de “lugar-nenhum” contribuíram para que na linguagem cotidiana a palavra utopia passasse a ter o sentido de fantasia, sonho impossível, ilusão, etc. Apesar de se tratar de um julgamento de valor sem profunda análise do termo, popularmente a utopia ainda é considerada por muitos como uma mera crítica ao presente e projeção do futuro, sem qualquer capacidade de realização.

Ao retomarmos as considerações de Ainsa (2016), no entanto, percebemos que o autor já havia se posicionado em relação ao adjetivo “irrealizável” ser atribuído ao termo e relembra que, a maiorias das leis e princípios, considerados imutáveis, foram modificados a partir de pensamentos que até então eram considerados sonhos irrealizáveis. As mudanças sociais são um exemplo disso, o que leva ao autor afirmar que “boa parte das utopias foi precursora de seu tempo” (AINSA, 2006, p. 71). Sobre isso, Szachi (1972) também já havia defendido que, nem sempre o projeto é irrealizável, o que ocorre, às vezes, é a inaptidão das pessoas para sua execução. Ou ainda, o projeto pode ser irrealizável nesse momento, o que não significa que não venha ser amanhã ou depois. “*Fantacias de um século são realidades de um outro*” (1972, p. 5, grifo do autor). Utopias abrem possibilidades, mesmo que não imediatas.

Dando continuidade, outro fator apontado por Pavloski (2014) é o fato da escrita de textos utópicos gradativamente se tornarem limitados à produções ficcionais, sendo vistos como mero potencial criativo sem base sociológica. Para o autor, esse fenômeno também se desenvolveu de forma diacrônica, sendo que obras utópicas

antigas conceituadas como propostas de renovação social passaram a ser consideradas produções literárias sem vínculo direto com a sociologia ou política.

Além disso, também há a propagação de utopias negativas (distopias). A utopia de uma sociedade ideal é na verdade a utopia de um determinado grupo ou até mesmo de um único sujeito, e parafraseando a frase de Pavloski (2014), o paraíso de um pode não ser o paraíso do outro. A partir dessa percepção, as ideias utopistas sugerem um modelo social que considera a vontade de um pequeno grupo de indivíduos. Sendo assim,

a implementação de uma sociedade idealizada sob a égide de uma doutrina universalizante é em sua própria natureza uma distopia, uma vez que desrespeita a individualidade e desconsidera todo e qualquer ponto de vista não concomitante com seus próprios dogmas (PAVLOSKI, 2014, p. 45).

Por fim, toda utopia, realizada ou não, deve ser considerada um aspecto inevitável e necessário na história da humanidade. Como bem colocado por Ainsa (2006), um mundo sem a possibilidade do novo, com limites definidos e consumados, seria um mundo localizado abaixo da loucura. Evidentemente, deve-se evitar o excesso da utopia, isto é, evitar que ideias utópicas se convertam em imagens fixas e absolutas, impedindo a prospecção de novos pensamentos. Para Pavloski, a importância da utopia está no fato de que ela “acompanha o desenvolvimento das sociedades, constituindo um foco permanente de discussões que visam uma compreensão mais profunda dos próprios ideais humanos” (PAVLOSKI, 2014, p. 34).

É a inquietação dos indivíduos em relação à realidade insatisfatória que propulsiona a procura por novas possibilidades. De acordo com Szachi (1972), tanto as utopias quanto as distopias possuem em comum o confronto da realidade social com uma forma ideal de se viver em sociedade, e isso promove uma profunda reflexão sobre as falhas sociais. Por essa razão, o próximo capítulo visa discutir sobre a fronteira (in)existente entre utopia e distopia.

2.2 UTOPIA E DISTOPIA

Embora Jerzy Szachi admita a dificuldade em classificar o pensamento utópico devido a sua diversidade e quantidade, em sua obra *As utopias ou a felicidade*

imaginada (1972) o autor avança seus estudos e discorre sobre a possibilidade de classificar as obras segundo a época, discutindo-as em ordem cronológica. Contudo, reconhece a necessidade de acompanhar fielmente os pensamentos da humanidade dos inícios dos tempos até os dias atuais, o que para ele significa um trabalho “grandioso demais para ser empreendido” (SZACHI, 1972, p. 21).

Na sequência, revela que outra forma de ordenar as ideias utópicas seria através da sua correspondência com as classes sociais. Cita ainda alguns exemplos, como utopias de senhores de escravos, burgueses, proletários, etc. Para ele, trata-se de uma classificação completamente possível, mas a qual não realiza. O autor propõe também a classificação das utopias pela perspectiva que são apresentadas, como as utopias filosóficas, as profecias religiosas ou ainda os manifestos políticos e artigos econômicos (SZACHI, 1972). Não cabe a nós, assim como não foi do interesse de Jerzy Szachi, discutir o melhor método. No entanto, ao demonstrar as distintas possibilidades de organizar e classificar as utopias, deseja-se enfatizar a pluralidade do fenômeno e a capacidade de abordá-lo por distintas perspectivas.

Dentre as formas apresentadas, Szachi (1972) elabora a classificação das utopias em dois grandes grupos: utopias escapistas e utopias heroicas. As utopias escapistas abrangem aquelas que sonham com um mundo melhor, embora não estabeleçam nenhum projeto para alcançá-lo.

diz-se o que é o mal, mas não se diz como substituí-lo pelo bem. Utopias deste tipo são vez por outra elaboradas por indivíduos bem integrados na sua sociedade, que fazem tudo o que ela deles exige, e que somente no sossego do seu quarto se deixam transportar em viagens para a ilha feliz (Szachi, 1972, p. 23).

Dentro dessa categoria ainda há a necessidade de expandir a definição, para que seja possível tratar isoladamente cada peculiaridade. Dessa forma, Szachi (1972) estabelece subgrupos para as utopias escapistas que abrangem as utopias de lugar ou espaço, utopias de tempo e utopias de ordem eterna. As utopias de lugar ou espaço descrevem algum local geográfico distante e isolado - ilhas, planetas, lua, mundo subterrâneo, etc. - no qual, as informações geográficas são vagas e a localização é imprecisa - como Thomas More que afirma em *Utopia* desconhecer em qual mar a ilha descrita em seu livro se localiza (Szachi, 1972). Dentre as diversas utopias de espaço, se pode citar a Cidade do Sol, de Tommaso Campanella (1602), a Nova Atlântida, de Francis Bacon (1627), entre outras.

De forma sintetizada, as utopias de lugar ou espaço possuem uma característica específica:

[...] a convicção de que o país feliz existe, mas está separado de nós por mares e oceanos, desertos e continentes, fronteiras e barreiras. Para chegar lá é preciso abandonar o que para outros, talvez, é a felicidade mesma: há que renunciar a tudo aquilo que herdamos e que nos foi dado. Não se pode ser cidadão de dois mundos ao mesmo tempo. A conquista do mundo novo é ao mesmo tempo o abandono do velho (SZACHI, 1972, p. 45).

Szachi (1972) afirma que muitos estudiosos consideram que, com o fim das grandes descobertas geográficas - praticamente o mundo inteiro já havia sido conhecido -, a utopia de espaço ou lugar foi transportada para a esfera do tempo. “Em vez de ‘onde’, passou-se a buscar ‘quando’” (1972, p. 47). Enquanto a utopia de espaço ou lugar mostra que em algum lugar distante existe uma ordem de mundo perfeita, o segundo subgrupo - as utopias de tempo - faz o mesmo ao demonstrar que em algum tempo foi ou será diferente.

O terceiro subgrupo, as utopias de ordem eterna, possuem em comum a existência fora do tempo e do espaço conhecido pelo homem, como a Natureza, Deus, a Razão, etc. “A convicção demonstrada nas utopias de ordem eterna direciona as alternativas e perspectivas de uma vida melhor para suportes exteriores que nada tem a ver com as instituições humanas, ou seja, busca-se, de uma só vez, o imutável e o absoluto” (COELHO, 2013, p. 31).

O segundo grande grupo apresentado por Szachi (1972), das utopias heroicas, são aquelas que apresentam um plano de ação para a transformação da realidade, como também para a reestruturação da sociedade, tanto no âmbito político, social, econômico e moral. Szachi também cria uma subdivisão para esse grupo em que insere as utopias monásticas e políticas. As monásticas recriam o mundo social ideal distante da realidade, a diferença, no entanto, é a ação existente. Se produz e se propõe um ideal; há um grupo de pessoas que o aceita, embora não acreditem na transformação social (não, ao menos, no momento); esse mesmo grupo não acha possível manter o ideal proposto em contato com a sociedade atual. Como consequência, se fecham com seus pares como forma de proteção de seus valores. Alguns exemplos dessas utopias são os conventos e mosteiros (POLAK, 2010).

As utopias políticas, por sua vez, coagem a realidade a submeter-se ao ideal, colocando o ideal no âmbito das possibilidades humanas. Foram muitas, ao longo do

tempo, as tentativas de estabelecer uma sociedade justa, transformar uma sociedade má em boa. Por isso as utopias políticas se diferenciam pela localização dos ideais, elas os colocam no aqui e agora. "A utopia política é a aplicação prática do pensamento utópico na vida da sociedade" (Szachi, 1972, p. 102).

Como visto, a definição e classificação de obras utópicas e distópicas é um trabalho árduo no qual cada estudioso encontra sua forma de abordar e analisar tais conceitos. Mesmo assim, o próximo capítulo tem como objetivo oferecer uma aproximação entre as obras analisadas e as reflexões acerca da utopia e distopia até aqui apresentadas.

2.3 UTOPIA E DISTOPIA EM *CADÁVER EXQUISITO* E *NACIÓN VACUNA*

Para Jerzy Szachi (1972) antes de classificar uma obra como utópica ou distópica, é necessário investigar o autor e suas intenções, a recepção da obra, o contexto histórico, entre outros fatores. Contudo, para o autor, existe uma semelhança que conecta os dois gêneros literários; um laço ideológico no posicionamento crítico e processo criativo no fato de que, nessas obras, a realidade sempre é contraposta com a forma ideal de sociedade. "Nas utopias positivas contrasta-se a sociedade ideal, concebida mais ou menos em detalhe, com a sociedade má que é apreendida em geral em termos bastante sumários; com as utopias negativas é o inverso que ocorre" (SZACHI, 1972, p. 119).

Nos próximos parágrafos será apresentado uma proposta de análise de *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna* com base na classificação apresentada por Jerzy Szachi (1972). Antes, contudo, é necessário fazer duas ressalvas: a primeira, é que há outras possibilidades de classificação propostas por outros autores, mas a classificação de Szachi é satisfatória para nosso objetivo; a segunda, é que não se deseja classificar as duas distopias aqui analisadas, mas utilizar as características das classes propostas por Sachi (1972) para compreender e enriquecer a posterior análise das obras.

Para Szachi (1972), as utopias de lugar descrevem cenários distantes, desconhecidos e fantásticos. No entanto, geralmente em obras distópicas os locais são conhecidos e acessíveis, uma vez que distopias refletem a sociedade atual. Nesse

sentido, tanto em *Cadáver Exquisito* quanto em *Nación Vacuna* as narrativas ocorrem em espaços geográficos já explorados pelo homem. Em *Cadáver Exquisito*, embora não haja menção explícita da cidade, sabe-se que a narrativa se passa na Argentina. Em *Nación Vacuna* a história ocorre na cidade de Rawson, capital da província de Chubut, também em terras argentinas. Evidentemente, nas utopias o objetivo é contrastar dois mundos completamente diferentes, tanto que “o contraste foi sempre uma arma preferida das utopias” (1972, p. 34). Ou seja, contrasta-se a sociedade real, considerada má, com a sociedade ideal; enquanto nas distopias ocorre o contrário. Como uma das funções das narrativas distópicas é a de ser um aviso potencial, é inegável a necessidade de narrativas em locais reais, conhecidos e explorados pelo homem.

Na outra classe de utopias, Szachi (1972, p. 47) aborda as utopias chamadas utopias de tempo. Com o fim das grandes descobertas geográficas a maior parte do mundo já havia sido descoberto pelo homem, e por isso, transportou-se a utopia da esfera do espaço para a esfera do tempo. A partir de então, não se perguntava mais “onde” estava a sociedade ideal, mas “quando”. Nesse sentido, a utopia de tempo demonstra que já houve ou haverá um tempo que foi melhor, o que significa que “hoje a felicidade não existe” (1972, p. 64). Transportando essa definição para as distopias, frequentemente neste tipo de narrativa o mundo ideal já não existe mais. Em *Cadáver Exquisito*, por exemplo, na perspectiva do protagonista o tempo bom já passou - antes da existência do vírus, da legalização da carne humana, da morte do filho, etc.-, restando apenas revisitar esses momentos em suas lembranças. Diferentemente, em *Nación Vacuna* a inadaptabilidade do protagonista sugere que para ele o tempo bom ainda não ocorreu, não foi o seu passado e também não é seu presente.

O outro grupo de utopias que Szachi (1972, p. 65) apresenta em seu livro é o das utopias de ordem eterna, que se caracteriza por romper os limites da existência humana. Esse tipo de utopia se opõe à ordem dominante apresentando contra ela valores sociais que existem fora do tempo e do espaço, como a Natureza, Deus, a Razão. No entanto, não foi observado em nenhum dos dois protagonistas ações ou pensamentos que indicavam a crença em um mundo ideal além da existência do homem.

As três categorias mencionadas acima, como já visto, então inseridas em um grupo maior no qual o autor chama de utopias escapistas - aquelas em que se acredita em mundo ideal mas não há a elaboração de um plano para alcançá-lo. Deseja-se,

nesse momento, analisar se as atitudes dos dois protagonistas dos romances podem ser caracterizadas como escapistas. Inicialmente, o protagonista de *Cadáver Exquisito*, Marcos Tejo, demonstra atitudes escapistas, em que condena o presente com dramaticidade e radicalismo. "*Media res. Aturdidor. Línea de sacrificio. Baño de aspersión. Esas palabras aparecen en su cabeza y lo golpean. Lo destrozan*" (BAZTERRICA, p. 15). Desde as primeiras linhas do romance Marcos Tejo é enfático ao demonstrar sua indignação e inadaptação com a nova forma de vida social, no entanto, sua aversão à sociedade é ocultada frente ao mundo. Sobre isso, Szachi (1972, p. 23) aponta que utopias escapistas são elaboradas por indivíduos que fazem todo o exigido pelo sistema social e que, somente em seu âmago questionam e se revoltam contra esse mesmo sistema.

Marcos Tejo pode ser, nesse sentido, considerado um herói escapista. Constantemente questiona os fatos divulgados pela mídia, a veracidade do vírus, não consome a carne especial (carne humana), entre outras revoltas individuais que realiza no seu dia a dia. Porém, apesar de se rebelar contra a sociedade, ele é incapaz de lutar contra ela. Em seu trabalho, ao analisar o protagonista de *1984*, Pavloski (2014, p. 53) conclui que o escapismo é, muitas vezes, uma estratégia utilizada pelo personagem não apenas como fuga da realidade, mas como maneira de manter a sanidade e a individualidade que ainda lhe restam. Isso explica as visitas constantes que Marcos Tejo realiza ao antigo zoológico da cidade, em que no meio das ruínas recorda um tempo que apesar de seu desejo profundo, não pode mais retornar.

Em relação a Jacinto Cifuentes, protagonista de *Nación Vacuna*, não há no início da obra uma inquietação interna em relação ao seu papel social. Na verdade, em muitos momentos Jacinto se demonstra indiferente. Apesar de trabalhar diretamente para o projeto da Junta, afirma que em seu trabalho "*la coherencia ha perdido sentido en este costado del mundo. Invento las respuestas. Entrego los formularios y me retiro. Soy un inadaptado*". (GARCÍA LAO, 2017, p.16). Diferente de Marcos Tejo, nem mesmo em seus mais íntimos pensamentos Jacinto demonstra o desejo de mudança social. Ele reconhece sua indiferença ao sistema, mas permanece em um estado de inércia sem qualquer plano ou desejo de mudança social.

Continuando com as classes propostas por Szachi (1972, p. 84), o autor descreve também as utopias monásticas, nome que faz referência ao estilo de vida nos primeiros mosteiros. Nesse tipo de utopia ocorre a recriação do mundo social, em que um grupo de pessoas com um certo ideal de sociedade se isola do mundo

real e vive com seus semelhantes a fim de proteger os valores que julgam fundamentais.⁸

A outra classe, as utopias políticas, se desenvolve quando um indivíduo ou grupo deseja transformar a sociedade a partir dos seus princípios, no entanto, esse ideal sonhado na esfera das possibilidades humanas se transforma em algo pelo qual se luta (SZACHI, 1972, p. 102). A utopia política é a aplicação prática do pensamento utópico, contudo, essa aplicação não pode ser encontrada em nenhuma das narrativas analisadas. Como já visto, tanto em *Cadáver Exquisito* quanto em *Nación Vacuna* nenhum dos protagonistas apresenta um caráter heroico, isso porque a obra é narrada pela perspectiva daqueles que são desfavoráveis. No entanto, quando olhamos as obras pela perspectiva do governo, há indício de que essas sociedades ficcionais constituem sua utopia totalitária. Ou seja, se o foco narrativo fosse a partir da perspectiva daqueles que são favoráveis, isto é, aqueles que detém o poder, provavelmente as ações que ocorrem nas sociedades distópicas seriam vistas por alguns líderes políticos como um sonho utópico.

Essa noção reforça mais uma vez a linha tênue que separa utopia e distopia. Sobre isso, Pavloski (2014, p. 55) pondera a existência de uma peculiaridade que torna problemática a distinção entre utopia e distopia: “a relação entre a estrutura social modelar e a preservação da individualidade”. As sociedades utópicas, para a manutenção da utopia, necessitam de um constante e rígido controle sobre seus cidadãos. Consequentemente, se exige dos indivíduos sacrifícios individuais pelo sonho coletivo que partem de discussões políticas e decisões tomadas por parte do soberano, que pode ser um único indivíduo ou um grupo.

Dessa maneira, a sociedade utópica instala-se à custa da individualidade dos sujeitos, sendo que, a homogeneização dos indivíduos é o preço pago pela concretização da utopia (PAVLOSKI, 2014). Essa mesma característica, a perda da individualidade, é uns dos componentes principais de obras distópicas, tanto que Barton (2016) afirma que a literatura distópica no início do século XX, na América e Europa, não adveio de uma fantasia, mas de uma realidade testemunhada, na qual compartilhavam o medo de que a humanidade deixasse de ser útil e que cada homem perdesse sua identidade.

⁸ Não há, dentro das obras, nenhuma menção sobre indivíduos ou grupos que, isolados, constituíram uma sociedade própria. Isso porque, nas narrativas ficcionais analisadas, os indivíduos vivem sobre um regime totalitário, caracterizado pelo intenso controle e vigilância.

São contestações como essas que demonstram como delimitar uma definição e respeitar os limites entre utopia e distopia é uma tarefa árdua, tanto que, as classes de Jerzy Szachi (1972) aqui debatidas não são mutuamente excludentes. O próprio autor deixa claro que a utopia pode se transformar em distopia caso a abordamos com um outro sistema de valores, aspirações, interesses, necessidades e gostos (SZACHI, 1972, p. 115). À vista disso, a próxima seção será dedicada para adentrar a literatura distópica e suas contribuições para as reflexões do nosso mundo atual.

2.4 LITERATURA DISTÓPICA

A primeira metade do século XX foi marcada pelo surgimento de obras como *Admirável Mundo Novo* e *1984*, a partir das quais a crítica literária celebrava o nascimento de um novo gênero literário, que tinha como principal característica a realidade política e social e o grande sentimento de insegurança em relação ao futuro. Em seu texto intitulado *Dystopian and the promethean nightmare* (2016), a professora americana Riven Barton separa as produções distópicas em três principais blocos. O primeiro, a distopia moderna, abrange os textos e produções cinematográficas de 1850 a 1950. Para ela, a literatura distópica no século XX surgiu não por uma fantasia, mas por uma realidade testemunhada. As duas guerras mundiais, a industrialização, a degradação ambiental fez com que a realidade distópica pudesse ser uma real possibilidade. Os esforços da humanidade em obter conhecimento e eficiência fizeram com que, na maioria das vezes, os aspectos sociais e ambientais fossem esquecidos. Dessa forma, os principais romances distópicos do século XX centravam-se no medo da perda da identidade e utilidade humana. Como afirma a autora, “*the ultimate tragedy for the modern, dystopian, protagonist is not the loss of life, but the loss of individual identity*”⁹ (BARTON, 2016, p. 8).

O segundo bloco, intitulado como distopias pós-modernas, engloba as produções de 1965 a 1995. As décadas de 70 à 90 foram marcadas pelas extensas e complexas mudanças tecnológicas - o uso de computadores crescia de forma acelerada, o campo da robótica se expandia e a internet estava sendo revelada ao

⁹ A tragédia final para o protagonista das distopias modernas não é a perda de sua vida, mas a perda da sua identidade individual (Tradução nossa).

mundo. O avanço tecnológico trouxe consigo inúmeras perguntas no campo da filosofia e da ética que questionavam, sobretudo, a possibilidade de a tecnologia ser nociva ao desenvolvimento humano (BARTON, 2016). Para a autora, os protagonistas das distopias pós-modernas questionam a realidade em que vivem. No último bloco, das distopias contemporâneas, do ano 2000 até o momento, os protagonistas distópicos sabem quem são, vêem a realidade ao seu redor e estão cientes de seus problemas e consequências. O protagonista contemporâneo “*is not looking for her identity, but her purpose*”¹⁰ (BARTON, 2016, p. 13).

Independente do período, para diversos autores as obras distópicas são um reflexo dos nossos medos sociais - investigam questões morais, sociais, tecnológicas e filosóficas através de criações de novas realidades. Elas são um veículo potente de crítica aos sistemas sociais e políticos vigentes. Trabalhar com obras distópicas serve para esclarecer o mundo e, também, para colocar o leitor em ação.

The dystopian in popular fiction acts as a mirror of our collective fears and as a warning of potential behaviors. It can bring about awareness and help us to play out our collective shadow in a place and time safely separate from our own, engaging in the dangers and fears of a future while addressing the challenges of the present (BARTON, 2016, p. 17).¹¹

Através de mundos imaginários, distante do tempo e do espaço, as obras distópicas possuem o intuito de advertir as possíveis consequências sobre a situação política, social e ambiental presente na realidade. De acordo com Di Minico (2015), o mal exposto nessas produções é a transfiguração de um tema ou problema real, dramaticamente atual para o período em que a obra foi escrita. A distopia não é apenas entretenimento, mas sim uma forma de entender o estado atual das coisas.

Muitas vezes, o futuro incerto é o grande medo dos indivíduos. No período em que estamos, no qual se fala constantemente da crise democrática, se torna cada vez mais crucial analisar o controle social, político e cultural. A análise de uma obra distópica pode estimular a reflexão coletiva e recordar a necessidade de consciência crítica. Como Pavloski (2014) aponta, textos utópicos e distópicos não devem ser

¹⁰ Não está procurando a sua identidade, mas o seu propósito (Tradução nossa).

¹¹ A distopia na ficção popular atua como um espelho de nossos medos coletivos e como um aviso de comportamentos em potencial. Isso pode nos conscientizar e nos ajudar a jogar fora a nossa sombra coletiva em um local e tempo seguro, envolvendo-nos nos perigos e medos do futuro enquanto abordamos os desafios do presente (Tradução nossa).

vistos como mero potencial criativo sem base sociológica, pois na realidade, essas obras possuem vínculo direto com áreas como filosofia, sociologia, história, direito e política.

Ao longo do tempo, a teoria literária demonstrou que a literatura não se limita a um produto imaginativo individual, mas revelou sua potencialidade artística e a capacidade de problematizar a realidade. “Segundo essa perspectiva, uma obra literária passa a ser vista como um espelho da realidade, no qual se reconhece os desejos, os anseios, os conflitos e as misérias que compõem a humanidade” (PAVLOSKI, 2014, p. 46).

Essa representação do futuro faz com que, frente a uma narrativa de escassez de recursos que coage o ser humano a cometer diversas atrocidades em prol de sua sobrevivência, o leitor possa ter uma reação de estranhamento, como se não reconhecesse os valores morais e éticos de seus semelhantes em tais atos. Sobre isso, ao citar Chklovski e o seu conceito de estranhamento, o professor Jaime Ginzburg (2012) aponta a capacidade de os textos literários trazerem uma nova configuração, na qual existe uma nova percepção da violência e uma “reavaliação de critérios de entendimento, de valor, de conhecimento” (GINZBURG, 2012, p. 24). Existe uma direta conexão entre estética e ética, uma vez que o “modo como nossa percepção funciona no campo artístico está vinculado ao modo como organizamos nossos valores nas percepções cotidianas” (2012, p. 25). Assim, a maneira como reagimos a obras literárias, sobretudo quando se trata de violência, está intrinsecamente relacionada a nossa educação ética.

A leitura de *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna* pode causar essa sensação de estranhamento ao leitor e apresentar novas formas de perceber e atuar sobre o mundo. Na experiência pessoal de leitura, por exemplo, *Cadáver Exquisito* ocasionou uma desautomatização da realidade em vários sentidos, mas dois deles se destacam. O primeiro, em relação à alimentação, pois ao mesmo tempo que a realidade ficcional dos frigoríficos é absurda, ela também nos é familiar. O segundo, em relação à existência de um vírus desconhecido que atinge e assusta a população. Foi impossível não relacionar o contexto social da obra com o início da epidemia do Covid -19, no que se refere ao medo do desconhecido, o toque de recolher, as informações contraditórias e as *fakes news*.

Diante do exposto, conclui-se que o estudo de produções literárias distópicas e sua aproximação com a violência tem a capacidade de aproximar o leitor de distintos

campos de conhecimento, como a política, ética e história. Estudar uma obra literária pode ser uma forma de complementar saberes e revelar novos horizontes sociais. O próximo capítulo será, nesse sentido, dedicado a compreender os mecanismos governamentais utilizados nas narrativas ficcionais de *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna*.

3 GOVERNABILIDADE, CONTROLE E VIGILÂNCIA

Neste capítulo será discutido como a violência, controle individual e coletivo, a vigilância e a manipulação da história são mecanismos utilizados pelas formas de governabilidade e como essas questões transparecem em *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna*.

3.1 DISTOPIA E TOTALITARISMO

Como visto no capítulo anterior, as sociedades utópicas exigem a padronização total dos indivíduos e a universalidade dos princípios que a norteiam como forma de garantir a organização social almejada. Portanto, a participação dos indivíduos nesse processo é fundamental, ocorrendo de forma espontânea ou não. Esse ajuste obrigatório no modo de ser e agir sobre o mundo, indicando uma ausência de livre arbítrio, expõe a tendência de sociedades utópicas serem a origem de distopias. Não sem razão, uma das principais propriedades de textos distópicos, principalmente no século XX, é o excessivo controle institucional que, em outras palavras, significa a individualidade de cada cidadão em troca da estabilidade social (PAVLOSKI, 2014).

Na tentativa de realização do ideal coletivo e solidificação da estrutura social implantada, ocorre um acúmulo de poder nesse processo que, para Pavloski (2014), constitui a base do totalitarismo. Ao fazer parte da sociedade, por escolha própria ou não, inevitavelmente os indivíduos perdem sua autonomia e se tornam meramente componentes da estrutura social. A obra de Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo* (1951[1989]), é importante, nesse sentido, para compreender como a supressão da individualidade de cada sujeito contribui para liquidar sua capacidade individual de empreender algo novo com seus próprios recursos. Em sua obra, Hannah Arendt compara o indivíduo, em contextos totalitários, com o cão de Pavlov. Ao retirar sua liberdade e individualidade, o sujeito se torna um ser que age com pura previsibilidade, sendo que, somente com a dominação de todos os homens em todas as áreas de sua

vida, sem exceção, os regimes totalitários adquirem o poder ilimitado que tanto almejam (ARENDT, 1989).

A partir dessas colocações, percebe-se que nas obras analisadas a estabilidade social parece ter sido alcançada a partir da supressão da liberdade individual. De antemão, infere-se que em *Cadáver Exquisito* a individualidade dos cidadãos é debilitada e o controle ocorre sobretudo através do discurso oficial. Já em *Nación Vacuna*, os processos de vigilância e controle estão inseridos em todas as esferas da vida humana - família, trabalho, lazer e vida íntima. Apesar da forte ideologia existente nos dois romances, nota-se a presença de uma resistência por parte dos protagonistas. Marcos Tejo, protagonista de *Cadáver Exquisito*, por exemplo, encontra em seus pensamentos a resistência à ideologia imposta socialmente. Já Jacinto Cifuentes, protagonista de *Nación Vacuna*, inicia o romance inserido no sistema, no entanto, com o desenrolar do Projeto elaborado pela Junta, passa a questionar, ainda que de forma concisa e individual o funcionamento e ações da Junta.

Arendt também apresenta alguns elementos que caracterizam o domínio total de uma sociedade. O primeiro diz a respeito à massificação, uma vez que “os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre comandam e baseiam-se no apoio das massas” (ARENDT, 1989, p. 356). O termo massa somente se aplica a indivíduos considerados neutros e politicamente desinteressados que, devido ao número ou indiferença, não fazem parte de instituições alicerçadas no interesse comum, como um partido político, por exemplo. O que interessa ao movimento totalitário, portanto, é a força bruta e natural de um grupo de pessoas no qual a maioria nunca havia sido atingida por nenhuma ideologia partidária antes. Essa massa de pessoas, ignoradas por outros partidos, é atraída pelos regimes totalitários que reiteram repetidamente a necessidade de lealdade total ao regime.

A partir de então, surge o que Arendt chama de psicologia do homem de massa. No artigo dedicado ao pensamento arendtiano, o professor Odílio Aguiar (2008, p. 77) afirma que “a marca dessa psicologia é o desprezo aos padrões morais e à vida pública, e assim, os líderes das massas nutriam ódio à burguesia por não terem um lugar e nem serem reconhecidos socialmente”. Para Arendt (1989, p. 366) a atomização social precede os movimentos de massas, uma vez que regimes totalitários acolhem indivíduos desorganizados, que se recusaram a reconhecer laços

e obrigações sociais. Dessa forma, a principal característica do homem de massa não é a brutalidade e nem a rudeza, mas o seu isolamento e sua falta de relações sociais normais” (p. 367).

Sustentando-se nas massas, os movimentos totalitários são compostos de indivíduos atomizados e isolados, isto é, sujeitos desamparados, passivos e sem lugar definido no mundo. Os regimes totalitários distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela “exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual” (ARENDT, p. 373). Essa lealdade total, por sua vez, só pode existir em indivíduos completamente isolados, sem laços sociais, e que “só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido” (p. 373). Nesse ponto, Pires (2020) salienta que a lealdade com o regime não deve possuir um conteúdo concreto, definido, uma vez que um conteúdo concreto possibilita mudanças de opinião. Por isso, para Aguiar (2008), o governo totalitário, alimentando-se das massas, é um movimento regido pela força natural dos seus seguidores, e devido a isso, a lealdade permanece enquanto o movimento existe (AGUIAR, 2008).

Antes, contudo, Arendt (1989, p. 390) afirma que “as massas precisam ser conquistadas por meio da propaganda”. Para a autora, a propaganda totalitária é caracterizada pelo uso de “insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras” contra aqueles que não seguirem seus ensinamentos, seguidas ainda por assassinato em massa “perpetrado igualmente contra e ‘inocentes’” (1989, p. 394, grifo da autora). Além disso, Arendt discorre sobre o cientificismo na propaganda.

A forte ênfase que a propaganda totalitária dá à natureza “científica” das suas afirmações tem sido comparada a certas técnicas publicitárias igualmente dirigidas às massas. De fato, os anúncios mostram o “cientificismo” com que um fabricante “comprova” – com fatos, algarismos e o auxílio de um departamento de “pesquisa” – que o seu “sabonete é o melhor do mundo” (ARENDT, 1989, p. 394, grifo da autora).

Sobre isso, o Professor Odílio Alves Aguiar (2007, p. 9), estudioso das obras de Arendt, coloca que a publicidade não almeja formar uma opinião, mas provocar um comportamento, gerar uma atuação. Para aumentar a venda de qualquer produto, todos os recursos são mobilizados: a autoridade da ciência, a notoriedade dos consumidores, a beleza dos objetos etc.

No entanto, a propaganda nos regimes totalitários não possui fins comerciais, mas atua como um instrumento de domínio do passado, do presente e do futuro que invade o espaço político. Nesse sentido, como colocado por Nascimento (2020, p. 6, grifo da autora), o produto da propaganda totalitária é uma ideologia disseminada como “verdadeira”. Sobre isso, Arendt (1989, p. 398) já havia comentado como “os líderes da massa, uma vez no poder, cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias para fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras”. A partir disso, a propaganda totalitária destrói a convivência entre os indivíduos, já que não resta qualquer elemento para a constituição de um palco político de decisões.

No início da narrativa de *Cadáver Exquisito*, ao relembrar os fatos ocorridos logo após o surgimento do vírus, o protagonista revela que diversos estudos foram divulgados nos meios de comunicação. “*Universidades prestigiosas afirmaron que era necesaria la proteína animal para vivir, médicos confirmaron que las proteínas vegetales no tenían todos los aminoácidos esenciales*” [...] (BAZTERRICA, 2018, p 19). Se para Arendt (1989, p. 411) o “verdadeiro objetivo da propaganda totalitária não é a persuasão, mas a organização”, isso significa que para que essa organização seja estabelecida é necessário que a propaganda totalitária utilize do cientificismo, como números concretos e resultados positivos que sugerem benefícios à população. Isso ocorre em *Cadáver Exquisito*, quando o consumo de carne humana é incentivado dentro da narrativa por dados “científicos” que comprovam o benefício que a legalização do canibalismo pode trazer à população.

Dessa maneira, semelhante às propagandas comerciais, as propagandas políticas também acreditam que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas comportamentalmente. Para Arendt (1989, p. 390), “não apenas a propaganda política, mas toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de coerção”. Antes de assumir o poder, a grande arma dos regimes totalitários é a propaganda totalitária. Como sugere o protagonista de *Cadáver Exquisito*, o poder possui “*las palabras con el peso necesario para modelarnos, para suprimir cualquier cuestionamiento, piensa*” (BAZTERRICA, 2018, p 17).

No entanto, em pouco tempo os regimes totalitários passam a utilizar a violência como forma de garantir a conquista permanente das massas. De acordo com Aguiar (2008, p. 9) “propaganda e violência não são contraditórias. O uso da violência

pode ser parte da propaganda”, sendo a propaganda alimentada pelo mistério, pelos segredos, pelo invisível. Nesse sentido,

a coerção [violência] aqui abordada não é necessariamente física, mas seguindo o princípio da manipulabilidade dos homens, utiliza-se de qualquer instância capaz de induzir o comportamento, como, por exemplo, os argumentos religiosos, científicos, os preconceitos e, muito frequentemente, a mentira (AGUIAR, 2008, p. 80).

Ao demonstrar sua posição contrária ao regime, Marcos Tejo questiona as informações passadas à população e a veracidade do vírus. Para ele, o vírus se trata apenas de uma *“puesta en escena para reducir la superpoblación”* (BAZTERRICA, 2018, p. 19), e todas as informações que vieram na sequência tinham como objetivo induzir a população a um comportamento pré-determinado.

A respeito disso, Arendt (1989) demonstra que o êxito das propagandas totalitárias se deve à possibilidade de eliminar a imprevisibilidade das condutas dos indivíduos, uma vez que, a espontaneidade em si é o maior de todos os obstáculos para o domínio total do homem. Frente a ausência da proteína animal em *Cadáver Exquisito*, a população se viu diante de uma situação nunca vivida antes. Diversas questões surgiram, como por exemplo: o que será da humanidade? Como viver sem carne se os cientistas negam essa possibilidade? O que vai acontecer com as indústrias de proteína animal e todos os trabalhadores envolvidos? Dúvidas que foram sanadas pela propaganda totalitária quando, através da legalização do consumo de carne humana, foi prometido não só a sobrevivência da população como também outros benefícios que incluíam a *“reducción de la población; de la pobreza y [...] reducción de las emisiones de gases”* (BAZTERRICA, 2018, p 17).

No entanto, algumas passagens da narrativa sugerem que houve um lobby da indústria da proteína. *“La legalización se llevó a cabo cuando los gobiernos fueron presionados por una industria millonaria que estaba parada [...]”* (2018, p. 18). Diante disso, compreende-se que a decisão da legalização do consumo de carne humana intencionava, por parte do regime totalitário, a própria sobrevivência econômica antes de qualquer motivo humanitário.

Ação semelhante ocorre na narrativa de *Nación Vacuna* quando, após vencer a guerra, os soldados argentinos ainda permaneciam isolados nas ilhas. Enquanto a Junta trabalhava para salvá-los, alguns barcos com mantimentos eram enviados às ilhas. No entanto, tempos depois, a Junta iniciou uma propaganda política afirmando

a necessidade de suspender a ajuda por falta de recursos. Segundo eles, *“la salud es prioridad, la economía [...] el sacrificio de unos pocos bien vale el bienestar general”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 23).

Com o tempo o regime totalitário passa a deter o controle, e com isso, a violência, em todas as suas instâncias, não é mais utilizada como forma de coagir os indivíduos, mas como mecanismo para transformar as ideologias e mentiras utilitárias do regime em realidade. Nesse ponto, a propaganda é substituída pelo terror. Afinal, “a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário; o terror, ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo” (ARENDT, 1989, p. 393). Em síntese, a propaganda, baseada em mentiras, profecias e promessas, é útil até a conquista das massas. Conquistadas, o regime totalitário utiliza os recursos que forem necessários, inclusive a violência extrema, para que suas ações sejam condizentes ao prometido.

Por essa razão, regimes totalitários necessitam do intenso controle social atuando como molde à conduta dos indivíduos aos padrões de comportamento dominantes. Sendo a organização totalitária, para Arendt (1989), outro mecanismo necessário para o domínio total do homem. Para ela, o líder totalitário não ordena nem de fora e nem de cima para baixo, mas através das extremidades. Para elucidar esse modelo de organização, Arendt utiliza como metáfora a estrutura de uma cebola. Em seu trabalho intitulado *A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt*, o professor Celso Lafer discorre sobre a metáfora da cebola e nos oferece uma interpretação ao dizer que,

a imagem mais adequada para a sociedade, o Estado e o Direito nos regimes totalitários não é a da tradicional pirâmide, mas sim a de uma cebola. No centro, numa espécie de vazio, localiza-se o líder. Tudo o que ele faz, ele o faz de dentro, não de fora ou de cima. Todas as múltiplas contraditórias instâncias do Estado e da sociedade totalitária, por sua vez, relacionam-se de tal modo que cada uma delas é fachada numa direção e centro na outra. Quanto mais próximo do centro da cebola, maior é o segredo e o poder. Quanto mais próximo da casca, menor o segredo e o poder (LAFER, 1988, p. 95-96).

Nessa estrutura, o líder tem consciência dos atos de todos, e consequentemente, quanto mais próximo do líder maior o conhecimento e a necessidade de resguardar os segredos do regime. Conforme Aguiar (2008), esse formato exige uma completa identificação entre o líder e seus seguidores, como se fizessem parte de um só corpo, dotado da mesma vontade de agir. Dentro do que

Arendt chama de “cebola”, existe um extremo controle e vigilância que exige a rígida disciplina e lealdade absoluta dos membros. É como se a estrutura da cebola organizasse o sistema de modo que o mundo real não pudesse o atingir (ARENDT, 1989).

Devido a essa intensa disciplina e lealdade que a personagem Teodolina, de *Nación Vacuna*, denuncia um comportamento indesejado pelo regime. Em uma passagem da obra, Teodolina encontra Jacinto e seu tio Evaristo conversando durante o jantar. Evaristo demonstra saber mais do que deveria sobre os planos do governo. *“Cápsulas de carne, dice, y mastica su porción de tarta. La aparición de Teodolina con una bandeja frustra la charla. Me quedo mudo de rabia. Evaristo sabe algo y ella trae disparates a la mesa”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 46). Na manhã seguinte, Jacinto é informado sobre a morte repentina do tio, sendo considerada por causa natural. Sem muitas explicações, Jacinto compreende que as informações guardadas pelo tio ofereciam risco ao regime, e por isso, *“las cápsulas de carne son un misterio. No dejo de relacionarlas con la muerte inesperada de Evaristo. Tal vez, Teodolina nos estuvo escuchando. Seguro que es la informante”* (p. 49). Mais tarde, próximo ao final da narrativa, Teodolina revela a Jacinto que realmente havia denunciado o tio, demonstrando como a vigilância é pulverizada na sociedade. Não se trata apenas de um organismo central, mas todos os cidadãos são incentivados à vigilância.

Todos os elementos totalitários apresentados até o momento almejam a dominação total do homem. Segundo Arendt (1989), o domínio total tem o objetivo de reduzir a pluralidade humana em apenas um indivíduo e isso só é possível quando toda e qualquer pessoa seja reduzida às mesmas reações. Sabe-se que para a autora a dominação total do homem só é possível nos campos de concentração, que se caracterizam como o “modelo social perfeito para o domínio total em geral” (ARENDT, 1989, p. 489). A pessoa jurídica é aniquilada; a pessoa moral deixa de existir, a individualidade do homem é extinguida e sua singularidade destruída.

A experiência dos campos de concentração demonstra realmente que os seres humanos podem transformar-se em espécimes de animal humano, e que a ‘natureza’ do homem só é ‘humana’ na medida em que dá ao homem a possibilidade de tornar-se algo eminentemente não-natural, isto é, um homem (ARENDT, 1989, p. 506).

Os homens tornam-se supérfluos para o regime, são um exemplar de espécie humana completamente dominada. O regime orgulha-se de não precisar de nenhum

auxílio e as massas são tratadas com indiferença. Em suma, o campo de concentração é a certeza de que o objetivo final do totalitarismo pode ser alcançado: “a sistematização da infinita pluralidade de experiências e diferenciações dos seres humanos, a fabricação da espécie humana com a mesma identidade” (AGUIAR, 2008, p. 83).

Apesar de Hannah Arendt não ter pensado amplamente na biopolítica, é possível relacionar algumas de suas análises, como a pretensão do domínio total do homem, com a política voltada à vida biológica dos indivíduos. Acredita-se que, tanto no totalitarismo quanto na biopolítica, o homem enquanto ser individual e racional é descartado e submetido a um controle e regulação que reduz sua capacidade de ação, tornando-se um ser meramente passivo. Diante disso, a próxima seção será destinada a compreender os aspectos relacionados à biopolítica.

3.2 O CORPO DISCIPLINADO

Para Foucault (1987), no mundo ocidental europeu, Estados Monárquicos possuíam práticas voltadas ao controle dos indivíduos desde a Idade Média. Com o passar do tempo, no entanto, as relações individuais e estrutura social foram alteradas, o que demandou também uma reorganização no exercício de poder. Nessa nova forma de poder, o indivíduo tornou-se objeto central das preocupações de líderes políticos no qual o objetivo era extrair dos corpos tempo e trabalho ao invés de apenas bens e riquezas. De forma distinta à soberania, esse novo tipo de poder, como afirma Foucault (1987), busca constantemente aprimorar seu mecanismo de controle, tornando-se cada vez mais eficiente e produtivo.

Para o autor, os mecanismos de controle, que atuam sobre os corpos dos indivíduos, instalam-se nos espaços compartilhados, como colégios, hospitais e prisões. Inseridos nesses ambientes, o controle atua de forma a moldar a conduta individual aos padrões de comportamentos definidos socialmente. Desse modo, a inclusão dos sujeitos em espaços rigidamente controlados fortalece o processo de normalização social, à medida que o controle se torna mais amplo e eficaz (FOUCAULT, 1987). Contudo, tal poder não ocorre somente de modo unilateral, sendo que, em alguns casos, discussões e ações de coerção advêm dos próprios

indivíduos. Afinal, como lembra Evanir Pavloski, quando um sujeito assume os comportamentos requeridos socialmente o controle não é apenas imposto, mas “aceito e redistribuído” (2012, p. 76). Neste caso, os próprios cidadãos ajudam a detectar desvios individuais que possam desestruturar a sociedade.

Além do mais, o poder disciplinar não está materializado em uma pessoa, mas em todos os corpos dos cidadãos. Diferente dos reis que se apropriavam dos bens materiais de seus súditos, por exemplo, o poder disciplinar não se detém numa coisa, nem se transfere como uma propriedade, mas objetiva o adestramento dos corpos individuais. O rendimento e lucro do poder aumenta na medida que aumenta também o controle dos corpos. Para que isso ocorra, no entanto, é necessário o uso de três instrumentos, que Foucault (1987) denomina como vigilância, sanção normalizadora e exame.

A vigilância é a principal engrenagem do poder disciplinar, afinal é o instrumento que assegura a expansão do poder na sociedade ao romper os limites das instituições fechadas. Para Foucault (1987), a vigilância no esquema de pirâmide¹² mostrou maior eficiência devido à ausência de lacuna e à integração ao dispositivo disciplinar. Através da hierarquia, o poder se torna “múltiplo, automático e anônimo” (p. 201). Existe uma rede de relações que sustenta todo o conjunto, pois os indivíduos se tornam “fiscais perpetuamente fiscalizados” (p. 201).

A partir do momento que todos os indivíduos vigiam e são vigiados, o poder disciplinar se torna invisível. Para a pesquisadora Thamy Pogrebinski (2004), doutora em Ciências Políticas, a invisibilidade do sistema ressalta a visibilidade daqueles que a ele se sujeitam e, com isso, o poder disciplinar se torna eficaz. Ao evidenciar que todos estão sendo observados constantemente, até os próprios familiares ou pessoas próximas se tornam, ainda que involuntariamente, agentes do poder estatal. A ausência de um soberano em *Cadáver Exquisito*, por exemplo, indica que o poder disciplinar está instalado nos corpos dos cidadãos. A irmã de Marcos Tejo, Marisa, tem consciência da vigilância constante e, por isso, preocupa-se com o desvio de conduta do irmão. Quando Marcos vai até a sua casa para um almoço, ele não está utilizando um guarda-chuva, como fortemente recomendado pelo governo.

¹² Enquanto Hannah Arendt (1989) discorre sobre uma política totalitária, Foucault (1987) faz uma análise da biopolítica, sem a restrição ao totalitarismo. Por essa razão, Arendt utiliza a metáfora da cebola, enquanto Foucault utiliza o modelo de pirâmide.

— *¿Cómo es posible que no tengas paraguas?*
Él suspira levemente y piensa que, otra vez, va a tener la misma discusión de todos los años.
 — *No lo necesito. Nadie los necesita.*
 — *Todos lo necesitan. Hay zonas que no tienen contruidos los techos protectores. ¿Querés morirte?*
 — *Marisa, ¿en serie pensás que si un pájaro te caga la cabeza te vas a morir?*
 — *Sí.*
 — *Te repito, Marisa, en el campo, en el frigorífico, nadie usa paraguas, a nadie se le ocurre. ¿No sería más lógico pensar que si te pica un mosquito, que pudo haber picado antes a un animal, te podés contagiar el virus?*
 — *No, porque el gobierno dice que no hay peligro con los mosquitos.*
 — *El gobierno quiere manejarte, es para lo único que existe.*
 — *[...] Siempre pensando en conspiraciones que no existen* (BAZTERRICA, 2018, p.113)

Em uma sociedade de constante vigilância, os vizinhos podem se tornar mais perigosos que os próprios agentes oficiais. Por isso, Marisa tem consciência de que, caso alguém veja o irmão sem guarda-chuva, isso pode soar como um ato de oposição ao governo. Ao mesmo tempo que a personagem demonstra preocupação com as regras do sistema, ela é o exemplo de que, quanto mais poder se exerce sobre os indivíduos, maior será a sua produtividade; quanto mais disciplinados, maior será o saber gerado por eles. Esse poder que sustenta a si mesmo, não possui um só detentor e, isso permite que ele seja

absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente “discreto”, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio (1987, p. 202).

Devido a essa característica do poder disciplinar que Foucault (1987) analisa o Panóptico, construção utópica idealizada pelo francês Jeremy Bentham no século XVIII.

Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se

exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia [...] A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 1987, p. 223).

Para o autor, o principal efeito dessa construção é o estado permanente de vigia instalado no consciente do detento, uma vez que a vigilância é visível mas inverificável. Visível pois a alta silhueta da torre em que são espionados pode ser vista por todos os detentos o tempo todo; inverificável porque o detento nunca sabe se está sendo observado de fato, embora tenha consciência de que sempre pode estar. Pavloski (2014) enfatiza que o panóptico almeja uma nova dinâmica do poder, tendo como base a observação ininterrupta e a normalização dos sujeitos. Ao retomar o modelo de Bentham, Foucault (1987) objetiva demonstrar como as estruturas disciplinares do século XIX possuíam o mesmo propósito do panóptico, mas claro que, expandindo-o para todas as instâncias sociais.

Como visto na passagem anterior de *Cadáver Exquisito*, Marisa é uma personagem que compreende a constante vigilância incorporada na sociedade. Tal cenário também ocorre na narrativa de Nación Vacuna, na qual os personagens, principalmente Jacinto, percebem a observação ininterrupta sobre seus corpos, sobretudo após a morte suspeita do tio. Em reuniões importantes, por exemplo, os funcionários compreendem que uma palavra errada pode ser vista de forma negativa pela Junta.

[...] Yo tampoco opino. Prefiero estar seguro antes [...] Nos quedamos en silencio con la certeza de que no hay nada más que decir, que es mejor no decir nada. Las palabras son aplastadas antes de formarse. Incógnitas que cada uno guardará en su cabeza como si fuera mermelada en un frasco [...] (GARCÍA LAO, 2017, p. 29).

Percebe-se aqui que, apesar de não terem a certeza de que estão sendo observados naquele instante, ter a consciência de que podem estar é o suficiente para omitir suas palavras e ações. Os indivíduos assumem as condutas requeridas socialmente, agindo com autocontrole. Para Pogrebinschi (2004, p. 193), quando os indivíduos se adestram, se ajustam e se corrigem inicialmente por modo próprio, pode-se afirmar que a vigilância substitui a violência e a força.

Em relação ao segundo instrumento de poder, a sanção normalizadora, Foucault (1987) demonstra que, no núcleo de cada sistema de disciplina existe um mecanismo penal. Essa punição, de caráter corretivo, tem como objetivo promover o aprendizado dos indivíduos, e a partir desse aprendizado, reduzir os desvios de

conduta. Nesse contexto, a disciplina é uma via de mão dupla: pune os maus comportamentos e contabiliza os bons. Em *Nación Vacuna*, por exemplo, há uma passagem em que Jacinto Cifuentes invade o escritório do chefe para procurar por alguma informação sobre o Projeto.

Media hora después de despacharlas, me introduzco en la oficina de Planes. A esa hora no hay nadie. Reviso mi legajo y leo que mi carácter está en duda. Que he manifestado comportamientos, quejas, soledad y risa no solicitada [...] (GARCIA LAO, 2017, p. 39).

Na sequência, o protagonista afirma ainda ter o arquivo dos outros funcionários, o que indica que o controle e a vigilância são exercidos sobre todos, e por todos, “*no sé quién escribe los informes*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 39). Através desse balanço, há a possibilidade de classificar os corpos segundo suas virtudes e habilidades e, do mesmo modo, a possibilidade de identificar os corpos que ainda precisam de correção. Em síntese, a punição disciplinar para Foucault é capaz de comparar, diferenciar, hierarquizar, homogeneizar e excluir os indivíduos, ou, utilizando das palavras do autor, “em uma palavra, ela *normaliza*” (FOUCAULT, 1987, p. 207, grifo do autor).

Por último, o autor desenvolve a análise do mecanismo do exame, o qual, através da combinação da vigilância e normalização, objetiva classificar, qualificar e punir o indivíduo por meio da visibilidade, já que são os súditos que são vistos e não aqueles que detêm o poder. A individualidade do sujeito passa a ser documentada, colocando-os sob vigilância através de registros dos dias e dos corpos, sua rotina, aptidões e defeitos. Com as informações se torna possível correlacionar os sujeitos e classificá-los, e por isso, para Foucault (1987, p. 215) “o exame, cercado de todas as suas técnicas documentárias, faz de cada indivíduo um “caso””, isto é, o indivíduo que pode ser descrito, comparado, classificado e, quando necessário, treinado, normalizado ou excluído.

Como visto anteriormente, na passagem em que Jacinto lê o seu arquivo, fica visível como a vida dos indivíduos é registrada em seus mínimos detalhes, até mesmo os sorrisos dados em momentos inoportunos. Além do mais, na pasta em que roubou do escritório do chefe encontra ainda outros documentos, que descrevem e acompanham “*romances entre abogados y ascensoristas, magistrados y verdugos. Disfunciones sexuales presentadas con palabrería tosca*” (GARCIA LAO, 2017, p. 41). Através do registro diário dos comportamentos, aptidões e imperfeições dos sujeitos,

o poder disciplinar pode, a qualquer momento, categorizá-los conforme sua necessidade.

Após a obra *Vigiar e Punir*, Foucault publica *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988). A obra marca um novo direcionamento nas análises do autor, que discorre sobre uma nova maneira de governar: a biopolítica. Tem-se que o conceito de biopolítica surgiu, pela primeira vez, no pensamento do autor em uma palestra no Rio de Janeiro, intitulada o Nascimento da Medicina Social (1979), mas somente anos mais tarde o autor se dedicou de forma mais diligente ao desenvolvimento do tema.

O século XVIII sinaliza a inserção dos fenômenos próprios à vida humana na ordem do saber e nos cálculos do poder no mundo ocidental. Com a vida biológica inserida no centro do poder, o objetivo passa a ser o controle dos corpos, ao mesmo tempo em que se garante, sustenta e reforça a vida da população. Para Duarte (2017, p. 39), a biopolítica busca interpretar e analisar problemas e objetos que não foram vistos, percebidos e analisados na filosofia política clássica. Por esse viés, o pensamento biopolítico de Foucault (1988) se contrapõe à teoria clássica marcada pela representação jurídica do poder. Isso porque, a velha potência de morte, caracterizada pelo poder soberano, passa a ser meticulosamente revestida pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida, isto é, o biopoder. Essa administração da vida natural tem como objetivo fundamental a “sujeição dos corpos e assim o controle das populações” (FOUCAULT, 1988, p. 130).

O autor francês busca decifrar os mecanismos do poder e suas variadas técnicas, práticas e condições da verdade. Como a biopolítica lida com a população como um problema científico, ou seja, um problema biológico e de poder, Duarte (2017, p. 58) define que o objetivo de Foucault é compreender como o indivíduo se constitui nas relações de poder, isto é, como as “relações de sujeição produzem sujeito”

Na sequência, Foucault (1988, p. 130) arquitetou sua concepção de biopolítica em dois pólos de desenvolvimento. O primeiro enfatiza o “corpo como máquina”, dedicando-se ao seu adestramento, ampliação de suas competências, exploração de suas forças, ou seja, a criação de um corpo útil e dócil. O segundo pólo centra-se no “corpo-espécie”, o que tange à natalidade, mortalidade, o nível de saúde, longevidade, processos que ocorrem mediante inúmeras intervenções e controles reguladores, ou seja, uma biopolítica da população. Desse modo, “as disciplinas do corpo e as

regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (1988, p. 130).

Primeiro a população surge como problema político para que, posteriormente, o Estado utilize técnicas políticas que visam à satisfação das necessidades dos cidadãos. Segundo Danner (2010, p. 155), para compreender melhor esse corpo biopolítico é preciso não apenas descrevê-lo e quantificá-lo, como ocorre através da taxa de natalidade, longevidade, etc., é necessário também manipular tais descrições e quantidades, combinando-as e comparando-as. A partir dos dados obtidos, a biopolítica racionaliza os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos biológicos dos indivíduos que constituem uma população.

Nota-se que a temática da biopolítica se estabelece como uma das propriedades fundamentais do debate político contemporâneo. Embora já tenha havido contribuições anteriores ao tema, Foucault foi responsável por retomar as discussões biopolíticas e, com isso, abrir novos caminhos de discussão. O filósofo italiano Giorgio Agamben, por exemplo, propõe a continuação da reflexão foucaultiana, mas delimita seu próprio campo filosófico. Em seu livro *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, publicado originalmente em 1995, o autor debate questões relacionadas ao direito e à política, fundamentando-se em toda uma tradição do pensamento filosófico ocidental.

Se a teoria de Agamben propõe preencher a lacuna que, segundo o autor, ficou sem respostas no trabalho de Foucault, antes é necessário apontar uma diferença fundamental entre os pensadores. Enquanto Foucault deixa de lado o conceito de soberania e aponta a gênese da biopolítica em meados do século XVIII, Agamben reforça a relação entre biopolítica e soberania. Para ele, “a produção de um corpo biopolítico seja [é] a contribuição original do poder soberano”, em outras palavras, a biopolítica é tão antiga quanto a exceção soberana (AGAMBEN, 2002, p. 14).

Apontada a principal diferença que norteia o pensamento dos dois autores, se pode adentrar na teoria de Giorgio Agamben. Na introdução de *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* (2002, p. 10), o autor utiliza a clássica divisão grega a despeito das duas dimensões da palavra vida, a *zoé* e a *bíos*. O termo *zoé*, na cultura grega, concerne ao simples fato de viver, comum a todos os seres vivos, enquanto o termo *bíos* denomina a forma de vida que vai além da simples vida natural. Em outras palavras, é a constituição do sujeito na sua vida social e política.

Se na política não há espaço para uma vida desqualificada, a vida natural é, portanto, excluída do universo político. Isso significa que, dentro das narrativas analisadas, as vidas inseridas na classe *zoé* são destituídas de direitos políticos. Trazendo a divisão clássica para as obras analisadas, em *Cadáver Exquisito* os humanos destinados para consumo (cabeças) e os *carroñeros*¹³ são as vidas que, pautadas apenas como vidas naturais, não são consideradas vidas qualificadas. Em *Nación Vacuna*, a princípio, as vidas desqualificadas sugerem ser as mulheres candidatas ao projeto, visto que estão isoladas, suprimidas de suas identidades e sob vigilância constante.

Ao expandir o conceito de *vida nua*, que caracteriza a *zoé*, Agamben (2002) o relaciona com a figura antiga e contraditória do direito romano arcaico conhecido como *homo sacer*. O *homo sacer* se caracteriza como o indivíduo que, após cometer determinada categoria de delito, estava condicionado à morte e, com isso, qualquer pessoa poderia matá-lo sem que tivesse que responder judicialmente pelo crime. No entanto, a morte desse indivíduo não deveria ocorrer nas formas sancionadas pelo rito, o que constitui uma vida marcada por sua matabilidade e insacrificabilidade (AGAMBEN, 2002). Uma vida matável mas suprimida dos ritos do sacrifício apresenta num primeiro momento certa ambiguidade, mas, conforme explica a Professora Juliane Martins (2016, p. 197), “o *homo sacer* pertence ao Deus na forma da insacrificabilidade e é incluído na comunidade na forma da matabilidade”. A vida insacrificável e, todavia, matável, é o que Giorgio Agamben nomeia como vida sacra.

A partir do conceito de *homo sacer*, interessa-nos neste momento identificar esses indivíduos dentro das obras analisadas. Na sociedade canibal de *Cadáver Exquisito*, a figura do *homo sacer* parece ser mais evidente, uma vez que todos os humanos destinados ao consumo são considerados meros animais, possuidores de uma *vida nua*. “*Nadie puede llamarlos humanos porque sería darles entidad, los llaman producto, o carne, o alimento*” (BAZTERRICA, 2018, p. 20). Essa prática de desumanização através da linguagem também ocorreu no nazismo. No documentário Shoah (1985), um dos sobreviventes do Holocausto relata que era proibido utilizar palavras como morto ou vítima. Proferir tais palavras geravam punições, sendo obrigatório se referir aos corpos dos judeus como “figuras”, “objetos” ou ainda como

¹³ Os *carroñeros*, dentro da narrativa, são pessoas que vivem nas ruas e se alimentam dos restos de carne que são jogados pelos frigoríficos. Devido a diferentes resultados encontrados na tradução do termo, optou-se por utilizar a palavra em seu idioma original.

“*schmattes*”, que pode ser traduzido como “trapo”. A destituição da identidade é apenas uma das técnicas utilizadas para justificar a exposição desses corpos à violência. Afinal, utilizando as palavras de Soares (2017, p. 35), cada corpo passa a ser considerado “apenas um animal biológico”.

Apesar disso, os seres humanos destinados ao consumo não são os únicos *homines sacri* dentro da narrativa, pois existem outras vidas que são colocadas para fora da jurisdição. Dentre elas estão os *carroñeros*, pessoas que vivem nas ruas e se alimentam dos restos de carne humana jogadas pelos frigoríficos. Alguns trechos narrativos evidenciam que os *carroñeros* não possuem nenhum valor tanto para o poder instalado na sociedade quanto para os próprios cidadãos. “*El problema con los Carroñeros es que son un grupo de marginados al que la sociedad no le concede ningún valor*” (BAZTERRICA, 2018, p. 158).

No final da obra, ocorre um incidente no frigorífico em que Marcos Tejo trabalha. Um grupo faminto de *carroñeros* atacou um caminhão que chegava com uma carga de cabeças. “*Ve a carroñeros con machetes, palos, cuchillos, sogas matando a las cabezas que estaba siendo transportadas al frigorífico. Ve desesperación, hambre, ve una locura rabiosa [...]*” (2018, p. 238). Depois do ocorrido, o dono do frigorífico sugere “*a mí lo único que se me ocurre es ir ahora y matarlo a todos. A la lacra hay que hacerla desaparecer*” (p. 241). Abandonados, os *carroñeros* são vistos como parasitas sociais, indignos até mesmo de serem denunciados à polícia, já que “*esta gente está fuera de la ley. No deben tener ni documentos*” (2018, p. 243).

A partir do incidente relatado acima, percebe-se a hierarquia que existe entre os envolvidos. No nível mais baixo estão as inúmeras cabeças destinadas a consumo que foram destroçadas pelos *carroñeros*. “[...] *ve a un carroñero cortándole el brazo a una cabeza viva, ve a otro corriendo y tratando de enlazar a una cabeza que escapa como si fuese un ternero [...]*” (2018, p. 238). Por serem apenas cabeças destinadas ao consumo, a morte brutal delas parece não causar nenhum impacto além do financeiro. No nível médio, estão os *carroñeros*, seres marginalizados, considerados desnecessários ao convívio social. “[...] *Esos sucios, miserables, que habría que haberlos matado hace tiempo, que son negros de mierda, siempre rondando como cucarachas, que no son humanos, son lacras, son animales salvajes [...]*” (BAZTERRICA, 2018, p. 249).

No entanto, apesar da desconsideração moral desses indivíduos pelos humanos, ainda assim os *carroñeros* estão acima das cabeças, uma vez que o ato de as matar para consumo não configura um crime. No nível mais alto, está Luisito, o motorista do caminhão que foi atacado. Luisito faz, portanto, parte do grupo dos indivíduos considerados cidadãos, a classe que tem os direitos e a liberdade preservados. No incidente, apesar de várias cabeças terem perdido a vida, somente a vida de Luisito é valorizada. “[...] *Era una barbaridade morir así.*” (2018, p. 239.)

Transportando a análise para a outra obra, percebemos que em *Nación Vacuna* também há os indivíduos taxados a *homines sacri*. Primeiro, há os *envenenados de las M*¹⁴, que isolados nas ilhas têm seus recursos suspensos para que o dinheiro seja aplicado em outras áreas mais importantes, como a saúde e a economia. A justificativa é a de que “*El sacrificio de unos bien vale el bienestar general*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 23). Isto é, no momento em que se suspende a ajuda aos envenenados, se faz um juízo de valor entre a vida dos soldados envenenados e dos cidadãos argentinos. Aos primeiros, cabe a vida sujeita a um poder de morte e exposta ao abandono. (AGAMBEN, 2002).

Além dos *envenenados de las M*, as mulheres candidatas ao projeto também tiveram suas vidas destituídas de valor. Primeiro perderam sua identidade ao serem referidas como vacinadas, candidatas, descartadas, etc. Vistas como meras candidatas ao projeto, suas vidas só possuem valor na medida em que respondem afirmativamente às quatorze perguntas básicas do questionário oficial. É importante ressaltar que em nenhum momento da narrativa fica explícito se a participação das candidatas ocorre de forma espontânea ou não. No entanto, a forma como são tratadas indica a obrigatoriedade da participação. Vivem trancadas em suas habitações que, por sua vez, estão dentro do Anexo. As roupas idênticas sugerem uma padronização dos corpos que são constantemente vigiados. “*Se alojarán en una habitación común y tendrán guardia permanente en la puerta. Imagino las quince camitas en un pasillo angosto. El mismo cuerpo reproducido, papel carbónico [...]*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 28). Todas essas figuras taxadas a homo sacer têm sua condição humana minimizada, uma vida localizada numa zona de indistinção.

¹⁴ É importante ressaltar que os envenenados de las M são os heróis de guerra que supostamente estão isolados nas ilhas Malvinas, e que devido à doença desconhecida causada pelo envenenamento, estão à espera de uma solução que permita o retorno à Argentina. No entanto, por se tratar de uma intervenção do governo, não se sabe se eles existem de fato, sobretudo porque, no final da narrativa a bandeira do inimigo está hasteada nas ilhas, denunciando a derrota argentina.

3.3 RELAÇÃO ENTRE O HOMO SACER E SOBERANIA

Apesar do homo sacer emergir de dentro da lei, sua existência ocorre na contradição, isto é, no simples fato de se encontrar dentro e fora da lei ao mesmo tempo (AMITRANO, 2014, p. 81). Dito isso, é necessário seguir com a análise com a relação entre o conceito de *homo sacer* e a noção de soberania e estado de exceção.

É a partir da ideia de estado de exceção de Carl Schmitt - “soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção” - que Agamben (2002, p. 87) inicia os debates sobre o conceito de soberania e sua influência na biopolítica. O Estado de exceção configura-se como uma zona de indistinção entre interno e externo, uma relação de exclusão e inclusão.

A exceção é uma espécie de exclusão. Ela é um caso singular, que é excluído da norma geral. Mas o que caracteriza propriamente a exceção é aquilo que é excluído não está, por causa disto, absolutamente fora da relação com a norma; ao contrário, esta se mantém em relação com aquela na forma de suspensão. A norma se aplica à exceção, desaplicando-se, retirando-se desta. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da sua suspensão. (AGAMBEN, 2002, p. 24).

O paradoxo encontra-se no fato de que, para proteger a ordem, o poder político necessita de um soberano com o poder de suspender essa mesma ordem. Conforme aponta Abdalla (2010, p. 111), “o soberano determina qual lei é aplicável e ao quê ela é aplicável”, criando as condições necessárias para a lei operar através da sua própria suspensão.

Tanto em *Cadáver Exquisito* quanto em *Nación Vacuna*, a vida dos cidadãos está exposta, indefesa e sob fácil controle. A vida, excluída dos seus direitos, é incluída na ordem da exceção através do controle severo imposto sobre ela. Consoante a Silva (2016), na exceção, o soberano pode se colocar acima do ordenamento jurídico estabelecido por ele próprio, protegendo o seu próprio status de soberania. Por essa razão, o soberano se torna capaz de decidir quando e quais indivíduos serão desamparados, destituídos de seus direitos e transformados em *vida nua*, um lugar de indistinção em que os direitos não existem e os homens são reduzidos a *homines sacri*.

A posição de fragilidade imposta aos cidadãos das duas narrativas – uma vez que eles possuem consciência disso - possibilita o controle de suas vidas. Como aponta Souza (2018, p. 53),

[...] quanto mais ampla for a exceção, mais absoluto será o controle social. Com isso a possibilidade de controle das vidas torna a exceção um dispositivo biopolítico, gerando a possibilidade de governo total das pessoas, pois a fragilidade de sua condição outorga ao soberano o poder pleno sobre suas vidas. O paradoxo da exceção é que o Estado, para defender a vida dos cidadãos, necessita ter o poder absoluto de ameaçar a vida.

Na exceção, a vida está sob total vulnerabilidade. Nem *bíos* nem *zoé*, a vida nua se torna uma zona de indistinção. Dentro dessa zona de indistinção, Agamben (2002) aponta a relação intrínseca entre o *homo sacer* e a figura do soberano: a relação de *bando* e *abandono*. Reconhecendo que os conceitos são emaranhados, para que a definição do autor possa ser melhor explorada, ela será aplicada dentro do contexto narrativo das obras.

Não há em nenhum momento da obra a designação de nenhuma definição aos indivíduos que compõe a narrativa, no entanto, a partir de nossa análise, observa-se que em *Cadáver Exquisito* os sujeitos que podem ser taxados a *homines sacri* são os humanos destinados ao consumo e os *carroñeros*. O abandono desses indivíduos, isto é, sua taxação a *homines sacri*, implica um duplo movimento. De um lado, ao serem abandonados eles são postos para fora da lei, no entanto, essa exclusão implica na aceitação desta mesma lei. Isso significa que, mesmo abandonados, eles permanecem conectados ao seu lugar de origem. Embora banidos, ainda permanecem vinculados àquele que os baniu. “O *bando* é propriamente a força, atrativa e repulsiva, que liga os dois pólos de exceção soberana: a vida nua e o poder, o *homo sacer* e o soberano” (AGAMBEN, 2002, p. 117).

Por essa razão, embora as cabeças tenham sido abandonadas, elas permanecem à mercê de quem as abandonou. Tanto que elas não são livres, embora não pertencem a lugar algum. Não podem viver da forma que preferirem, não possuem a liberdade de escolha. “O *homo sacer* é aquele que possui sua ligação com a sociedade através de seu desligamento, da sua exclusão” (AMITRANO, 2014, p. 84).

Se, conforme Agamben (2002, p. 91) aclara, “soberana é a esfera na qual se pode matar sem cometer homicídio e sem celebrar um sacrifício, e sacra, isto é,

matável e insacrificável é o que foi capturada nesta esfera” isso significa que a vida capturada nesta esfera é a vida do *homo sacer*, sendo que justamente esse banimento é o que condiciona as ações do soberano. O sentido dessa proximidade é explicado pelo autor no trecho a seguir:

Nos dois limites extremos do ordenamento, soberano e *homo sacer* apresentam duas figuras simétricas, que têm a mesma estrutura e são correlatas, no sentido de que o soberano é aquele em relação ao qual todos os homens são *homines sacri* e *homo sacer* aquele em relação ao qual todos os homens agem como soberanos (AGAMBEN, 2002, p. 92).

Podemos notar essa relação simétrica na estrutura hierárquica de *Cadáver Exquisito*, pois na narrativa as cabeças veem qualquer pessoa como soberano, até mesmo os *carroñeros*. Por estar isolada e presa numa jaula, qualquer ser humano em uma posição superior é visto como soberano por uma cabeça, uma vez que o outro detém o poder de decisão sobre sua vida. Um *carroñero*, no entanto, não vê uma cabeça como ameaça, pelo contrário, sente-se superior a ela. Em contrapartida, esse mesmo *carroñero* vê Marcos Tejo como uma figura soberana, intimidadora e que pode decidir sobre sua vida caso deseje¹⁵. Nesse sentido, os humanos com a vida qualificada, como Marcos Tejo, são soberanos em relação às cabeças e aos *carroñeros*. No entanto, a qualquer momento também eles podem ser convertidos em *homines sacri*. Nessa relação, basta que Marcos descumpra alguma lei que imediatamente ele será visto como uma ameaça social e, a partir de então, estará à mercê de um soberano.

No romance, por exemplo, um indivíduo que possui sua vida qualificada pode, a partir de qualquer delito ou mudança de regras, ser considerado um ser sem valor, uma *vida nua*, localizada na zona de indistinção. O mesmo ocorre em *Nación Vacuna*. Enquanto útil ao projeto e seu objetivo, Jacinto Cifuentes tem seus direitos garantidos e, de certa forma, é visto como soberano pelas candidatas do projeto, já que é um dos responsáveis pela seleção das mulheres afirmativas. No entanto, sua soberania se dissipa no momento em que, juntos às candidatas, tem sua vida considerada sem valor, descartável ao regime. A partir dessa relação movediça Agamben (2002) aponta que, todos nós somos soberanos e *homines sacri* ao mesmo tempo.

¹⁵ Essa relação de soberania fica evidente no episódio do incidente mencionado anteriormente, no qual o dono do frigorífico afirma que irá oferecer carne envenenada aos *carroñeros* para que o ocorrido não se repita, pois sabe que a polícia não irá agir neste caso. Isto é, o poder de decisão sobre a vida de alguém.

3.4 PARADIGMA DA IMUNIZAÇÃO

Até o momento, discutiu-se acerca da biopolítica enfatizando a teoria de Foucault (1988), que inseriu o conceito nos debates contemporâneos, e também de Agamben (2002), que trouxe novas considerações à discussão. A partir de agora, interessa-nos as considerações do filósofo italiano Roberto Esposito, que aponta uma lacuna deixada entre os dois pólos de desenvolvimento da biopolítica propostos por Foucault em 1988, citados anteriormente neste trabalho. Em seu livro *Bios: biopolítica e filosofia* (2010), Esposito considera ter encontrado uma chave interpretativa para esse espaço semântico vazio: o paradigma da imunização.

A imunização, em seu sentido biológico, defende a vida inserindo no organismo uma dose adequada daquilo que o ameaça, isto é, ocorre a prevenção antes do ataque. Contudo, as estratégias de imunização não eliminam o outro com um ataque externo, pois como afirma Ruiz (2014), trata-se de uma tática de proteção desde a interioridade do organismo. Assim como ocorre no corpo humano, Esposito (2010) alega que a imunização produzida pelo direito em relação à comunidade necessita agir de forma indireta para atingir seu objetivo, uma vez que a comunidade não necessita ser protegida de um risco externo, mas de uma ameaça interna.

Em *Communitas: origen y destino de la comunidad* (2003), o autor já havia recorrido o conceito de comunidade. Segundo ele, o termo latino *immunitas* consiste na negação do termo *múnus*, que pode ser traduzido tanto para cargo, ofício, dádiva ou dom. Dessa forma, Sá (2010, p. 10) discorre o fato do autor associar estes significados ao termo *communitas*, ao ver a comunidade como uma associação baseada na ideia de “uma mútua pertença, através da partilha, pelos homens que a compõem, de uma dádiva recíproca a partir da qual se cimentasse a sua concórdia e relação”. Neste sentido, é com a negação dessa relação, isto é, com a negação do *cum* de *communitas* que o termo *immunitas* surge. A diferença na percepção de comunidade, para Esposito, está no fato de que não há uma comunidade por identificação ou comunhão, pois os indivíduos não se enxergam como semelhantes, mas se veem em dívida. “*Una vez que alguien ha aceptado el munus, está obligado (onus) a retribuirlo, ya sea en términos de bienes, o en términos de servicio (officium)*”

(ESPOSITO, 2003, p.27). Por essa ótica, o núcleo que liga os indivíduos entre si na sociedade não é uma propriedade, mas uma impropriedade.

Frente a isso, Esposito analisa o vínculo que existe entre o dispositivo biológico da imunização e os dispositivos das sociedades modernas. Na sociedade moderna, a ameaça interna é caracterizada pela própria natureza humana - os indivíduos sempre visam o interesse próprio e a vantagem sobre os outros -, e assim, neutralizar esse perigo interno exige que o direito seja convocado como função imunizadora.

Com a função da imunização proposta pelo autor, a sociedade seria uma *communitas* sem *múnus*. Consoante a Ruiz (2014, p. 944), “uma sociedade sem comunidade está ameaçada de implosão. Para evitar a desagregação social, se utiliza o direito que tudo regula como se fosse direito do próprio, da propriedade e da apropriação”. Nesse sentido, a função da imunização proposta por Esposito é, de alguma forma, possibilitar a dispensa da dívida que a comunidade impõe a todos os seus membros. Assim, a imunidade na linguagem jurídico-política refere-se à “isenção, temporária ou definitiva, de um sujeito em relação a determinadas obrigações, ou responsabilidades, às quais normalmente está vinculado” (ESPOSITO, 2003, p. 73).

Segundo o autor, sempre se pensava nas formas de governo com pontos opostos, no sentido de que, ou o poder nega a vida, ou aumenta seu desenvolvimento, ou a violenta ou a exclui, ou a protege ou a reproduz. Para ele, a vantagem do paradigma da imunização consiste na forma como “essas duas modalidades, estes dois efeitos de sentido - positivo e negativo, conservador e destruidor - encontram finalmente uma articulação interna [...]” (ESPOSITO, 2010, p. 74). Diante disso, entende-se que a negação é um modo intrinsecamente contrário em que a vida se conserva através do poder. Por isto, para o autor (2010, p. 74),

A imunização é uma proteção negativa da vida. Isto é, ela salva, assegura, conserva o organismo, individual ou colectivo, a que é inerente - mas não de uma maneira direta, imediata, frontal; submetendo-o, pelo contrário, a uma condição ao mesmo tempo lhe nega, ou reduz, a força expansiva.

Em conformidade com o paradigma da imunização desenvolvido por Esposito (2010), os indivíduos aceitam sacrificar a sua liberdade individual originária - através

da imunização - para garantir sua segurança. O direito moderno, que garante os direitos dos cidadãos e delimita suas responsabilidades, torna os sujeitos responsáveis por aquilo que o direito exige.

A imunização torna cada vez mais a responsabilidade uma demanda jurídica e cada vez menos uma relação ética. A responsabilidade ética espontânea do múnus é substituída pelo dever legal. Imunizado, o sujeito moderno diz: “só sou responsável por aquilo que a lei me obriga!”. O direito subjetivo sujeita o indivíduo ao modo da apropriação de si, retirando toda e qualquer responsabilidade que não seja uma exigência do direito. Nesse paradigma, o direito é convocado, mais e mais, a normatizar a vida humana como meio instrumental de regular os interesses do próprio (RUIZ, 2014, p. 946).

Frente a histeria coletiva instalada na população após o surgimento de um vírus que impedia a população de seguir normalmente com sua alimentação, não tardou para que, na narrativa de *Cadáver Exquisito*, alguns indivíduos começassem a buscar vantagens em relação aos outros. É da natureza humana a capacidade de matar e ser morto e, por isso, conforme aponta Esposito (2012) ao citar Hobbes, “la *res publica* no es otra cosa que una forma de vida que se conserva o se pierde según cambiantes e incontrolables relaciones de fuerza (ESPOSITO, 2010, p. 62). Como os estudos científicos afirmavam a impossibilidade de viver sem proteína animal, casos de pessoas que decidiram agir por contra própria - em prol de sua sobrevivência - começam a surgir em diversos lugares do mundo: “*Hubo grupos que empezaron a matar personas y a comerlas de maneras clandestinas*” (BAZTERRICA, 2018, p. 18).

São as próprias relações entre os membros de uma sociedade que a destroem, por isso é necessário imunizar esses indivíduos e extinguir o vínculo existente entre eles. Na narrativa, o vínculo é suprimido com a instituição de um terceiro. Como retomado por Esposito (2010), isso ocorre em forma de contrato, uma vez que os sujeitos transferem seus direitos ao seu representante, mas em troca, exigem a segurança e proteção de suas vidas. Em *Cadáver Exquisito*, a imunidade dos indivíduos é o poder de conservação da vida, ou seja, os sujeitos aceitam determinados mecanismos, para que em troca permaneçam em segurança. Isso ocorre em diferentes formas, como através do toque de recolher, a construção de teto-protetores, a obrigação de utilizar guarda-chuvas em determinados locais, etc. Obedecendo os limites impostos pelo terceiro, eles esperam que lhes seja fornecido uma vida que, embora pautada pelo medo, é uma vida aparentemente segura, pois

todos esses mecanismos citados anteriormente tem como objetivo garantir a segurança da população.

O mesmo processo pode ser observado na sociedade brasileira com o surgimento do covid-19, no ano de 2020, tanto que já há trabalhos publicados a respeito do tema. No artigo em que William Costa, doutorando em Filosofia Social e Política, a respeito da imunização biopolítica em tempo de pandemia, o autor demonstra como ocorre o processo de imunização.

o reflexo da pandemia mostra-nos o seguinte emblema: impossíveis de se autoprotegerem, os indivíduos recorrem ao poder artificial do soberano para que esse os cuide. Para cuidar de suas vidas, o soberano funde, de modo mais contundente, políticas médicas e dispositivos políticos, jurídicos e securitários. De um lado, ele imuniza os indivíduos por meio do isolamento e do distanciando a um intervalo determinado do cum que se liga ao munus [...]. Na distância, o poder imunizador do soberano pode atuar emparelhado à medicina: desenvolve ele medidas médicas, sanitárias, epidemiológicas e securitárias – na forma de hospitais, políticas públicas de funcionamento dos espaços, medidas securitárias nas figuras da polícia e do exército, etc. – para cuidar do corpo populacional (COSTA, 2020, p. 8)

Nota-se a semelhança que ocorre entre realidade e ficção. A maior diferença, no entanto, é que os sujeitos que não cumprem com sua parte do acordo, como o distanciamento social ou o uso de máscaras, raramente são punidos, enquanto na ficção, por se tratar de um governo totalitário, aqueles que não respeitam as normas, como o toque de recolher ou uso de guarda-chuvas, são vistos como uma ameaça ao sistema, e na sua maioria, punidos por tal ato.

Por isso que, ao mesmo tempo que a imunização conserva a vida dos cidadãos, ela expropria toda vida que não obedeça às normas da comunidade, ou seja, aniquila toda e qualquer vida que venha a ser uma ameaça à ordem social estabelecida. Assim, as leis - o direito - cumprem a função imunitária ao manterem os vínculos necessários para que a sociedade não se rompa. O cidadão se torna responsável por aquilo exigido pelo direito que, ao mesmo tempo que o protege, o regula e o normatiza.

Mediante o exposto, o paradigma imunitário diz respeito à preservação da vida por meio da sujeição. Para Simã Pinto (2019, p. 59), a noção de sujeição remete a uma situação na qual a submissão ou a obediência ocorre sem muita resistência ou sem resistência efetiva, concreta. “O sujeito deixa de algum modo de se opor e de resistir aos eventos no intuito de que sua vida seja preservada”. Na sociedade ficcional de *Nación Vacuna*, após a suposta vitória argentina na Guerra das Malvinas, o

protagonista aclara que “[...] *ganar las M nos dejó sólo. Sin ejército, no somos un país sino un riesgo*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 43). A suposta vitória fez com que a Argentina perdesse a frota naval, o exército e os recursos, deixando o país vulnerável aos ataques externos, como os ataques de inimigos, mas principalmente as ameaças internas, caracterizadas pela possível revolta da população argentina.

Como forma de manter a disciplina entre os cidadãos, principalmente pela cobrança com a recuperação da saúde e educação, uma nova Junta é instalada no país. “*La Junta que asumió el poder se instaló acá, en Rawson. Son un terceto civil, no quedan militares de rango en tierra. Está integrada por profesionales. Un Ginecólogo, un Ingeniero y un Comisario [...]*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 13). A Junta, constituída por profissionais sem experiência política e militar, foi a maneira encontrada para evitar o descontrole social no país.

A partir de então, a relação social estabelecida na sociedade ficcional de *Nación Vacuna*, assim como em *Cadáver Exquisito*, se estabelece por meio de obediências contratuais por meio das quais as relações sociais são preestabelecidas. Não se trata mais de uma relação comunitária estabelecida pelo afeto ou pela solidariedade, mas pelas normas e leis. A vida vivida é renunciada no próprio viver e os laços entre os cidadãos são somente legais. Aqueles que, por alguma razão, perderem a condição de cidadania, imediatamente deixam de ser considerados como parte da sociedade, e perdem o status de cidadão, mesmo quando as relações de parentesco ou proximidade já existiam, ou seja, tornam-se imunodeficientes.

O que vemos, portanto, é um comprometimento que ocorre de forma impessoal, ao passo que não se considera um grupo de pessoas cada qual com seus próprios interesses, mas sim um coletivo de pessoas que tiveram sua individualidade reprimida por forças em comum que as descaracterizam e as tornaram um coletivo. Como aponta Pinto (2019, p. 60), esses indivíduos não estão dispensados das obrigações entre si, pelo contrário, estão conectados por uma dívida entre si.

4 PODER, DISCURSO E MEMÓRIA

Neste capítulo deseja-se compreender as relações de entre poder, memória e discurso dentro das obras analisadas. Num primeiro momento, se reconhece a existência de relações de poder que, dentro da narrativa, politizam as lembranças, os esquecimentos e as falas dos indivíduos.

4.1 O DISCURSO COMO INSTRUMENTO OPRESSOR

O poder sobre a memória dos cidadãos, comumente representado em obras distópicas, tem como objetivo o controle do passado e, como consequência, o controle do presente e do futuro. Essa manipulação da memória, que comumente ocorre em processos ideológicos, utiliza sobretudo da linguagem como ferramenta de legitimação de poder. Para Oliveira (2014), o controle da linguagem e da memória dos indivíduos tem a intenção de limitar a percepção da realidade e o pensamento crítico. De fato, suprimir esse último é um dos principais interesses dos governos totalitários. Em *Cadáver Exquisito*, após o processo de Transição, algumas palavras passam a ser proibidas. Termos que até então eram admissíveis, de repente, devem ser esquecidos. Mas não se trata de uma mera proibição, no qual as palavras deixam de aparecer nos dicionários oficiais. Trata-se de um completo banimento, no qual a pronúncia de determinadas palavras se torna plausível de punição. Como aponta o protagonista, “*hay palabras que son convenientes, higiénicas. Legales*” (BAZTERRICA, 2018, p. 15).

Por essa razão, as palavras consideradas inadequadas pelo governo foram proibidas e novos termos foram criados para substituí-las, mesmo processo realizado pelo governo totalitário de 1984 com a criação da novilíngua. A partir disso, humanos destinados a consumo não são assassinados, são processados. Não se consome carne humana, se consome a carne especial. Canibalismo não existe, o que existe é o processamento de cabeças destinadas a consumo. Notadamente, há palavras que encobrem a verdade do mundo. Nessa perspectiva, deseja-se refletir neste capítulo

como o discurso em *Cadáver Exquisito* - que vai além das palavras, como será visto a seguir - é utilizado na narrativa como ferramenta de controle e que, conseqüentemente, influencia também na memória dos cidadãos. O consumo ocorre através do esquecimento forçado e exploração humana causada pela produção da mercadoria. Esquecem o que estão consumindo e todo o processo necessário para que aquele alimento chegasse até suas mesas.

O poder do discurso é manifestado na obra logo nas primeiras páginas, quando ocorre a narração dos eventos que sucederam o surgimento do vírus. No meio da possibilidade de contágio, a ausência de proteína animal, os casos de canibalismo, e a histeria coletiva, surge uma voz que tranquiliza e promete um futuro aos cidadãos. Essa voz é a do governo, um governo que, como detentor do poder, ressignifica as palavras, utiliza explicações científicas para convencer a população de que a legalização do consumo de carne humana não só trará os benefícios nutricionais como também pode trazer *“la reducción de la población, de la pobreza”* (BAZTERRICA, 2018, p. 19).

A partir de então, instala-se um governo na Argentina que tem em suas mãos uma arma poderosa: o discurso oficial. Afinal, como bem coloca Foucault (1996 p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação. Mas aquilo porque, e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. A partir de então, a prática discursiva passa a ser controlada, manipulada e censurada a partir dos interesses do governo. *“El gobierno, su gobierno, decidió resignificar ese producto. A la carne de humano la apodaron ‘carne especial’”* (p. 20). Em relação aos humanos destinados a consumo, *“nadie puede llamarlos humanos porque sería darles entidad, los llaman producto, o carne, o alimento”* (p. 20).

Diversas palavras passam a esconder em um novo termo o seu verdadeiro significado. Significado esse, que remete ao passado. Em seu estudo, Figueiredo (2015, p. 86) evidencia como o passado se torna uma ameaça em governos totalitários, justamente por ser contraditório à realidade atual, frente à qual é imperfeito e subversivo. Assim, ao eliminar o passado, é possível garantir sua coerência com a ideologia vigente, evitando também que, o indivíduo cative as memórias do tempo que já não existe mais e se torne uma ameaça.

Em diversos momentos da obra observamos essa relação entre o poder do discurso e o controle sobre a memória dos indivíduos. Por exemplo, existem os médicos e os especialistas, que embora sejam palavras distintas, são utilizadas para

se referir a mesma pessoa. Quando essa pessoa utiliza da sua profissão para cuidar de um humano, ela é chamada de médico. No entanto, quando essa mesma pessoa utiliza seus conhecimentos para averiguar a saúde das cabeças destinadas ao consumo, ela é chamada de especialista. Com isso, fica notório como os campos da linguagem e da comunicação passam a ser lugares politicamente colonizados nas distopias. Evidentemente, se referir como médico ao indivíduo que cuida da saúde das cabeças seria trazer uma memória instantânea de que, biologicamente e anatomicamente, humanos e cabeças são iguais. Memória que, além de poder iniciar uma revolução, poderia impossibilitar que, com o tempo, a sociedade deixasse de considerar as cabeças como seres humanos. O que de fato ocorreu dentro da narrativa de *Cadáver Exquisito*.

O mesmo processo de controle do discurso e, conseqüentemente, da memória, ocorreu em diversas instâncias da vida dos cidadãos. Enquanto algumas palavras são proibidas, outras precisam ser modificadas. Esse processo é evidente no capítulo em que o protagonista relembra o processo de reabertura dos açougues.

El envase tenía la etiqueta de carne especial y, en un apartado, la aclaración de extremidad superior evitando, estratégicamente, poner la palabra mano [...] Al poco tiempo y, basándose en los cortes de los cerdos, la gente empezó a llamar a las extremidades superiores manitos y a las inferiores patitas. Con ese permiso y con esos diminutivos que anulaban el espanto, la industria las catalogó de esa manera (BAZTERRICA, 2018 p. 49).

Posteriormente, o controle da linguagem passou a atingir também o design na produção de produtos. “*Ya no venden productos con animales tiernos, inocentes. Se reemplazaron por barquitos, florcitas, hadas, duendes*” (2018, p. 41). Não é surpresa também que o controle chegasse até o âmbito da arte. “*Se acuerda de la película de Hitchcock, Los pájaros, de cómo la había impactado cuando la vio y de cómo lamentó que la prohibieran*” (2018. p. 62).

Nota-se como o exercício discursivo passa a ser um exercício de poder, não mais incidente apenas nos corpos, mas também nas palavras. Para Câmara (2020), a dominação da linguagem precede todas as demais formas de domínio. E de fato, é com o poder do discurso que os cidadãos são moldados em *Cadáver Exquisito* conforme a necessidade dos detentores do poder. Através da extinção de palavras que remetem ao canibalismo, diminuem-se as chances de os cidadãos questionarem sobre a carne que consomem. Os animais são apagados da sociedade e, quando

lembrados, são considerados vilões, os únicos responsáveis pela existência do vírus. A mãe, ao oferecer aos filhos uma refeição farta cujo prato principal estava em uma embalagem escrita carne ‘especial’, ignora a realidade por trás da refeição oferecida aos filhos.

Através da limitação do uso da língua, o governo totalitário limita também a forma como o homem atua no mundo, obrigando-o a pronunciar e assentir com coisas que não deseja, privando-o de expressar sentimentos e pensamentos (FREITAS; FELTES; ZANELLA, 2018, p. 193). Marcos Tejo demonstra diversas vezes essa limitação, sobretudo na presença de colegas de trabalho e clientes do frigorífico.

Él sabe que no tiene que hablar, sólo asentir, pero hay palabras que le golpean el cerebro, se acumulan, lo vulneran. Quisiera decirle atrocidad, inclemencia, exceso, sadismo. Quisiera que esas palabras desgarraran la sonrisa del Señor Urami, perforaran el silencio regulado, comprimieran el aire hasta asfixiarlos. Pero se queda mudo y sonríe (BAZTERRICA, 2018, p. 25).

Com efeito, o discurso possui a capacidade de transformar a essência do ser humano. Ele é, nesse sentido, uma estratégia eficaz de dominação, uma vez que controla o ser humano de dentro para fora (FREITAS; FELTES; ZANELLA, 2018, p. 193).

Nesse ponto de vista, o discurso legitimador está vinculado aos interesses do próprio regime, em que a idealização totalitária busca a desestruturação da identidade de grupos minoritários, o ataque às opiniões individuais, com o objetivo de enfraquecer a fala dos indivíduos. O indivíduo se sente desprotegido, e a partir de então, profere apenas posicionamentos de sobrevivência, contagiados pelo medo. Em *Nación Vacuna* o medo de proferir as palavras erradas faz com que os indivíduos, assim como Marcos Tejo também optem pelo silêncio. Esse silêncio forçado torna os indivíduos meros robôs dentro do sistema social. Não à toa, é exatamente dessa forma que Jacinto se sente em relação a Junta. *“El mundo se revela a mi alrededor como una montaña asquerosa. Entonces, la creencia de no ser más que la pata de un ciempiés. Un miembro imbécil que ayuda al movimiento”* (GARCÍA LAO, 2017, p. 61).

Frente a isso, torna-se difícil combater qualquer ideologia dominante. O silêncio é resultado das perseguições com aqueles que tiveram um posicionamento distinto ou desigual ao discurso oficial. Enquanto para os cidadãos o silêncio é visto como uma arma de defesa, para o poder ele é uma garantia de seu funcionamento.

No decorrer do Projeto a candidata número treze que está sob

responsabilidade de Jacinto Cifuentes demonstra medo e preocupação ao ser entrevistada. A mulher afirma “*que no quiere ser seleccionada porque desconfía [...] seremos víctimas de un experimento terrible*” (2017, p. 55). Curioso, Jacinto Cifuentes a questiona e tenta descobrir novas informações. Contudo, a desconfiança da mulher ao projeto - que questiona o discurso oficial -, faz com que o interesse de Jacinto por tais informações o coloque em perigo. “*Temo por ella. Y por mí*” (p. 56).

São fatos como esses, com a constante repressão a aqueles que demonstram questionamentos e dúvidas em relação ao poder e seus interesses, que passa a existir na sociedade apenas figuras iguais, reprodutoras do discurso oficial, moldados pela ideologia totalitária vigente. Contudo, as intenções da Junta instalada em Rawson superam o controle da liberdade de expressão individual dos sujeitos. O objetivo central é inviabilizar a eclosão de qualquer discurso que contraria os padrões estabelecidos. O controle está além das palavras silenciadas, ele se constitui também nos termos criados para se referir aos processos, que de alguma forma, precisam ser amenizados.

Da mesma maneira como em *Cadáver Exquisito* a palavra Transição substitui o doloroso processo da legalização do canibalismo, em *Nación Vacuna* a inicial M encobre a Guerra das Malvinas, bem como o envenenamento, a economia comprometida, a ausência de militares e a vulnerabilidade do país frente a possíveis ataques inimigos. “*Decidieron jibarizar el tema: la inicial devoró a la palabra. Estoy seguro de que ya nadie recuerda a qué se refiere la M, exactamente*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 24).

Todos esses mecanismos do controle do discurso objetivam a ignorância dos cidadãos. Não sem motivo, o lema “a ignorância é a força” é um dos pilares do partido do Grande irmão em 1984, de George Orwell.

4.2 RESTRIÇÃO AO CONHECIMENTO

Em janeiro de 2012 o campo das produções culturais foi abalado por uma batalha em relação ao compartilhamento de músicas, livros e filmes. O site Megaupload, desenvolvido por Kim Schimtz, tinha como principal objetivo facilitar o compartilhamento de arquivos. O sistema se baseava na liberdade e na facilidade de

acesso à informação, em que qualquer usuário poderia realizar o *upload* ou o *download* de qualquer material. Apesar da mobilização de atores e celebridades, inclusive de editoras, a justiça determinou que site saísse do ar após acusação de violação aos direitos autorais. Na sua análise, Hilário (2013) expõe o fato de que a cultura está intrinsecamente relacionada à cultura capitalista, que defende a exclusividade da comercialização das obras. Para o autor, entre a disponibilidade das obras para todos e a manutenção da exclusividade lucrativa, opta-se pela última (HILÁRIO, 2013, p. 211).

Em seu trabalho, Azevedo (2018) discorre sobre a linha tênue que separa os direitos autorais e o direito à informação, analisando sobretudo o caso do site Megaupload. No entanto, nosso interesse a partir do exemplo acima é abrir questionamentos sobre sociedades que negam o direito ao conhecimento à população. Se em alguns casos a restrição à informação está associada ao lucro, em outros, está associada a uma técnica de controle.

A restrição ao conhecimento como técnica de controle é muito comum em narrativas distópicas. A obra *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, por exemplo, demonstra de forma explícita a tentativa da erradicação do conhecimento. Ambientada em uma sociedade na qual os bombeiros deixaram de apagar incêndios para queimar livros e as casas que os abrigam, a narrativa de Bradbury apresenta a dilaceração de toda forma de conhecimento ou arte não aprovada pelo governo. Há também a institucionalização de crimes em relação ao conhecimento, em que portar objetos de conhecimento ou propagá-los passa a ser contra a lei. A curiosidade passa a ser uma infração. O processo de controle social demonstra efetividade quando os próprios cidadãos compreendem o conhecimento como algo ruim, algo que deveriam evitar e se proteger.

Já em *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, a técnica utilizada para impedir o pensamento crítico dos indivíduos chama-se hipnopediá. Ao retratar uma sociedade no qual embriões são produzidos *in vitro* pelo Estado distópico e pré-condicionados biologicamente e psicologicamente, a hipnopediá consiste na repetição de certos lemas morais por alto falantes instalados embaixo dos travesseiros das crianças que dormem. As incontáveis repetições se encarregam do controle moral dos sujeitos, em que o procedimento era excelente para fins da educação moral, que não devia, em nenhuma hipótese, ser racional. Conforme aponta Cerqueira (2019, p. 49), as sessões de hipnopediá empregadas pelo centro de condicionamento centravam-

se na repetição à exaustão de chavões morais, que produziam certos reflexos nos sujeitos, impossibilitando, portanto, a reflexão crítica.

Nesse sentido, observa-se que em regimes distópicos não há a valorização do trabalho intelectual. As instituições de ensino que existem nessas narrativas ficcionais apenas legitimam o poder vigente. A disseminação de informações é controlada, os livros devem estar adequados à ideologia do poder de modo a facilitar o alcance dos objetivos sobre a população. Dessa maneira, de acordo com Cerqueira (2019, p. 19), “a censura, o encobrimento de informações e memórias e a repressão do pensamento” são técnicas categorizadas como formas de dominação. Em *Nación Vacuna* o controle ao acesso do conhecimento tem como finalidade a limitação do saber dos indivíduos. Na passagem em que Jacinto relembra a separação dos pais, é possível observar como o conhecimento e todo material passível de gerar pensamento crítico é visto como uma ameaça ao sistema social.

[...] Al verse solo, papá regaló el contenido completo de la biblioteca. No está bien que un carnicero tenga una, dijo. Mejor me enfoco en el negocio. Según el Manual de Buen Ciudadano, los trabajadores han de mantenerse vírgenes de opinión. El fluir de la conciencia, la libre asociación semántica, son motivo de desconfianza. O de arresto domiciliario [...] (GARCÍA LAO, 2017, p. 27).

Pelo fato de a mãe de Jacinto ser uma médica psiquiatra, fato que é revelado algumas páginas mais tarde, a existência de uma biblioteca particular não é um problema na sociedade distópica, uma vez que o conhecimento é necessário no tratamento dos pacientes. No entanto, os mesmos livros nas mãos de um trabalhador com um cargo sem valor intelectual significam o desejo de conhecimento e aprendizado, isto é, o descontentamento com sua posição atual na sociedade. O Manual de Bom Cidadão, nesse caso, é uma forma clara e explícita de uniformização dos indivíduos, que surge também como um desejo de suprimir as diferenças. Sobre isso, Gregory Claeys (2010, p. 8) aponta que “a uniformização é comum em utopias e distopias, sendo voluntária na utopia, e compulsória na distopia”. A ignorância dos cidadãos passa a ser a técnica de uniformização.

Para Figueiredo (2008), o problema dos livros não é o seu alcance em larga escala, já que a leitura completa é demorada. O real problema é a possibilidade de absorção viral do conhecimento e o impacto que isso acarretaria nos regimes dominantes. Outro fato importante a se considerar é o de que, enquanto uma transmissão de rádio ou televisão dura pouco tempo e as informações podem ser

alteradas sempre que necessário, no material impresso o conteúdo pode ser lido e consultado diversas vezes, não sendo possível apagar ou reescrever rapidamente.

Na perspectiva de que o homem pode ser transformado e controlado, tanto os meios de comunicação quanto os sistemas de educação estão regulados às premissas oficiais como artifícios para manter o homem comum em um organismo coisificado. O controle ao acesso do conhecimento é uma das engrenagens de um grande sistema que visa o domínio dos indivíduos. Há um grande esforço para evitar que as pessoas leiam, vejam ou ouçam o que pode ser considerado prejudicial ao poder. Dessa forma, espera-se que a massa aceita passivamente o que lhe é dito ou, a um certo ponto, para ela, nem faz mais diferença qualquer coisa que não diga respeito ao seu hedonismo ou à sua sobrevivência imediata (KOPP; NEUMANN; SILVA, 2013).

No entanto, ao mesmo tempo em que o conhecimento significa perigo aos indivíduos - em *Nación Vacuna* a posse de livros é motivo de desconfiança -, ele demonstra ser a única arma possível para a libertação. Como bem colocado por Cerqueira (2019, p. 37), em narrativas distópicas o apego à história e ao conhecimento se assemelha a ir na contramão da distopia e, talvez, demonstrar interesse em uma utopia. Como Winston Smith, protagonista de 1984, escreveu em seu diário: “não se revoltarão enquanto não se tornarem conscientes, e não se tornarão conscientes enquanto não se rebelarem” (ORWELL, 2003, p. 72).

Esse remar contra a maré caracteriza muitos protagonistas distópicos, que despertam e se rebelam contra o sistema. Ao declarar ter guardado um dos livros deixados pela mãe, Jacinto Cifuentes oferece indícios de interesse na aquisição de conhecimento. “*Yo guardé un libro de mamá al que miro cada tanto. El diccionario etimológico es un espécimen extravagante. Un fenómeno extravagante. Un fenómeno de nostalgia*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 27). Pelo fato de Jacinto se auto caracterizar como um monótono funcionário público do setor administrativo. “*Completar la máquina, qué tarea infinita [...] (p. 14)*, o momento em que ele guarda o dicionário etimológico, acredita-se que a pequena atitude pode ser o início da mudança do agir no mundo do protagonista. Durante a narrativa, Jacinto levava em seu bolso o pequeno dicionário de sua mãe e, frequentemente, o abria em uma página aleatória,

com o qual se deparou com palavras como *desidia*¹⁶ e *falencia*¹⁷ que, apesar de terem sido lidas de forma desproposital, possuem significado para o protagonista.

O dicionário é importante para Jacinto, tanto que é o único objeto pessoal que leva consigo à viagem a *las M*. “*Qué más. No tengo objetos personales. Soy puro yo. Es decir, nadie. Tal vez este viaje sea el principio de un nuevo Jacinto*” (GARCÍA LAO, 2017, p. 137). De fato, após a partida em direção às ilhas, Jacinto sofre pequenas transformações, sobretudo após a equipe ter consciência de que foram manipulados pela Junta. “*Este Proyecto fracasado me está modificando para bien. El cinismo y la hipocresía de la Junta parecen cuentos de prehistoria. Lejos de la vida pública me siento imprevisible. Casi parezco una persona*” (p. 167).

Longe da vida monótona, da burocracia e dos formulários, Jacinto passa a enxergar alguns aspectos da sociedade em que estava inserido que até então eram desconhecidos. Como o fato de Teodolina ser uma informante e ter denunciado o tio para a Junta, as divergências entre os fatos reais e as informações passadas à população em relação ao Projeto Vacuna, etc. Esse despertar do protagonista em relação a manipulação dos fatos e dos cidadãos somado ao plano de retornar ao país faz com que, em certa medida, o leitor acredite na possibilidade de que Jacinto e o restante da equipe possam dar início a uma revolução.

No entanto, tal possibilidade desaparece quando Jacinto, após queimar o dicionário que demonstrava ser o único objeto que o conectava ao passado, escreve uma carta direcionada a Teodolina comunicando sua demissão.

“en esta fecha he resuelto renunciar voluntariamente de manera indeclinable al trabajo que me unía a ustedes, amparado en el artículo 29 de la Ley Estatal vigente. Manifiesto que a la fecha se me adeudan prestaciones de las que desisto y en virtud de esta renuncia voluntaria no me reservo acción o derecho de ejercitar de ninguna naturaleza en el futuro, ni en contra de la Junta de Gobierno ni del Proyecto Vacuna, ni de ninguna otra persona que hubiere sido mi patrón [...]” (GARCÍA LAO, 2017, p. 172).

Planes, seu chefe, decide aceitar a decisão, desde que Jacinto nunca mais retorne a Rawson ou entre em contato com algum familiar ou conhecido. Isso porque, “*la junta ha decidido informar su muerte ya mismo. Se dirá que tras una agonía sufrió un paro cardíaco y fue enterrado como un héroe en las M* (p. 173). Diante desse contexto, percebe-se como Jacinto é um personagem que parte de algumas suspeitas

¹⁶ Em espanhol a palavra *desidia* significa negligência, falta de cuidado (RAE, 2021)

¹⁷ Em espanhol a palavra *falencia* significa engano ou erro (RAE, 2021)

iniciais em relação a conduta da Junta, para um personagem que passa a ter conhecimento das artimanhas e manipulações do governo. Principalmente porque os cidadãos argentinos permanecessem na capital acreditando no sucesso do Projeto Vacuna. No entanto, o conhecimento adquirido no decorrer de sua jornada não é utilizado como forma de resistência, pelo contrário, Jacinto não acredita e não luta pela mudança. Sua renúncia ao cargo e falsa morte é a maneira que o protagonista encontra para recomeçar.

Nesse ponto, encontramos características semelhantes entre os dois personagens aqui analisados. De um lado, Marcos Tejo, um homem que enfrenta diversos problemas pessoais ao mesmo passo que questiona constantemente a veracidade das informações oferecidas pelo governo. Do outro, Jacinto Cifuentes, um funcionário público desinteressado pelo seu trabalho que ao longo de sua participação no Projeto obtém informações que poderiam trazer novamente o pensamento crítico à população argentina. A semelhança central entre os dois personagens é o fato de que, apesar do diferente grau de informação, nenhum deles tiveram atitudes de resistência fortes o suficiente para transformar a sociedade em que estão inseridos.

Frente a isso, torna-se interessante citar Annika Gonnermann (2019) e seu artigo *The concept of post-pessimism in 21st Century Dystopian Fiction*. Nesse estudo, a autora busca compreender como as distopias contemporâneas expressam um modo de vida condicionado por medos existenciais, resultando em uma visão ainda mais pessimista do futuro - diferente de protagonistas de distopias clássicas que acreditavam e lutavam por um amanhã melhor. O artigo concentra sua análise em duas distopias contemporâneas: *Never Let Me Go*¹⁸ (2005) de Kazuo Ishiguro e *Feed*¹⁹ (2002) de Matthew Tobin Anderson.

Para a autora, as duas obras centram suas narrativas em um mundo onde não há outra alternativa - na perspectiva dos personagens - além da vida inserida em um capitalismo neoliberal. Nesse sentido, Gonnermann (2019) aplica o conceito de pós-pessimismo nos protagonistas das duas obras pelo fato de que para eles não há outra forma de vida possível. Em outras palavras, são indivíduos conformados com a realidade social. *“Their mode of expression is a feeling of post-pessimism, the defeatist*

¹⁸ Em português a obra recebeu o título *Não me abandone jamais*.

¹⁹ A obra ainda não foi traduzida ao português.

*acceptance of the status quo. Their epitome of civil disobedience constitutes a coming to terms with the situation*²⁰ (Gonnermann, 2019, p. 31).

Em *Never Let Me Go* os personagens Kathy e Tommy não cogitam nenhuma vez a possibilidade de desafiar o sistema. Jacinto Cifuentes, por exemplo, mesmo com informações importantes permanece inerte, mesmo que sua escolha, de certa maneira, colabore com as consequências que a manipulação da Junta traz ao restante da população. Marcos Tejo, pelo contrário, demonstra pequenos indícios de revoltas ao sistema, como a relação conflituosa e proibida com a fêmea Jazmín. No entanto, no final da narrativa descobre-se que sua resistência às leis era apenas em prol de ganhos individuais. Sendo assim, no âmbito da narrativa, observa-se nos dois protagonistas a ausência de uma trama de resistência. A diferença entre os personagens de *Never Let Me Go* e os personagens de *Nación Vacuna* e *Cadáver Exquisito*, é que no caso dos primeiros, não há nem mesmo a capacidade cognitiva de processar padrão alternativo de comportamento. Enquanto em *Nación Vacuna* e *Cadáver Exquisito*, os personagens são capazes de imaginar uma sociedade transformada, uma nova vida, mas não agem em direção à mudança. Sendo assim, todos os personagens citados se entregam a uma aceitação pós-pessimista do status quo (Gonnermann, 2019, p. 36).

A fim de conclusão, tanto Marcos Tejo quanto Jacinto Cifuentes são protagonistas que se acomodaram no sistema. Nesse sentido, se encaixam dentro do conceito de pós-pessimismo apontado por Gonnermann (2019, p. 37), em que apesar da consciência de que a sociedade e o modo de vida são ruins, eles aceitam que não podem fazer nada a respeito. O pós-pessimismo é, portanto, “as a feeling meandering between resignation and stoic acceptance²¹” [...]. Isto é, os personagens são complacentes com a realidade social porque acreditam que a mudança já não pode ser alcançada.

²⁰ Seu modo de expressão é um sentimento de pós-pessimismo, a aceitação negativa do status quo. Sua síntese ideal de desobediência civil constitui um acordo com a situação” (tradução nossa).

²¹ “Como um sentimento que vagueia entre a resignação e a aceitação estoica. (tradução nossa).

4.3 RESTRIÇÃO À MEMÓRIA

- [...] O passado existe concretamente, no espaço? Existe em alguma parte um mundo de objetos sólidos, onde o passado ainda acontece?
- Não.
- Então onde é que existe o passado, se é que existe?
- Nos registros. Está escrito.
- Nos registros. E em que mais?
- Na memória. Na memória dos homens. (ORWELL, 2009, p. 237).

É com esse diálogo entre O'Brien e Winston na obra *1984* de George Orwell que se inicia as reflexões deste capítulo. Como visto nas discussões anteriores, em *Cadáver Exquisito* o controle do discurso é utilizado como a principal técnica de manipulação da memória. Através da proibição de termos, obras artísticas e diálogos que poderiam recuperar memórias do mundo anterior ao canibalismo, o poder garante que a memória dos cidadãos esteja centrada no agora, no mundo após o canibalismo, ou como obrigatoriamente deve-se falar na obra, no mundo pós Transição. O poder objetiva, nesse sentido, privar a população de qualquer via comparativa entre a realidade atual e aquela anterior ao consumo de carne humana.

Em *Nación Vacuna*, no entanto, a memória está mais relacionada ao desejo de reescrever a história segundo os interesses da Junta instalada em Rawson, de tal forma que, após algumas gerações, a memória deixa de constituir refúgio para qualquer indivíduo. Esse desejo vai de encontro com a teoria do sociólogo francês Maurice Halbwachs no livro *A memória coletiva* (1990). Para o autor, distintamente da filosofia, psicologia e senso comum da época que compreendia a memória como algo individual, a memória consiste em um fenômeno eminentemente coletivo, uma construção social formada pelas relações entre indivíduos e grupos. “Voluntariamente cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que eu mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Além desse novo ponto de vista em relação à memória, Halbwachs foi também um dos primeiros teóricos a destacar a diferença entre memória e história. Para ele, uma das distinções entre os termos é que, enquanto a memória coletiva é um pensamento contínuo que retém do passado somente aquilo que é capaz de estar na consciência do grupo que a mantém, a história divide o tempo em períodos em que

cada período é vivenciado por grupos, interesses, tradições diferentes. Por esse ângulo, a memória de uma sociedade estende-se até onde atinge a memória dos grupos que ela é composta. A história, por sua vez, só começa quando a memória coletiva de um grupo chega ao fim. Isso significa que, quando determinado grupo desaparece, suas memórias desaparecem junto. A única maneira de salvá-las é através da sua exteriorização, fixando-as em uma narrativa escrita, pois “as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 81). Por isso que, como no diálogo de O’Brien e Winston, o passado está na memória e nos registros (história), até o dia em que passa a estar somente nesse último.

Essa é a condição observada em *Nación Vacuna*. De um lado, as memórias dos cidadãos em relação à guerra, a situação do país, *os envenenados de las M*; de outro, a história sendo escrita pela Junta para que, quando não houver mais as lembranças de um grupo, a única fonte do passado seja os fatos escritos, fotografados e manipulados. Como aponta Peralta (2007, p. 8), as imagens são estrategicamente inventadas e manipuladas por setores dominantes da sociedade para servir às próprias necessidades atuais.

Nesse contexto, as fontes compiladas em diversos estabilizadores de memórias carregam em si também uma luta de poder, tendo não só a capacidade de de enunciar como a de controlar os enunciados. O arquivo, como fonte de memórias, é um território de disputa, pois controlar o arquivo significa controlar a possibilidade de enunciação e, em última instância, a construção de uma realidade (PEDROSA et al., 2018, p. 22). No entanto, observa-se que esse poder de controle sobre o enunciador e enunciado ocorre em *Nación Vacuna* não utilizando violência ou dominação, mas a própria coesão social e adesão afetiva do grupo.

A partir da história oficial de que os *envenenados de las M* estão isolados nas ilhas esperando por salvação - história completamente destoante dos fatos reais -, cria-se uma afetividade nos cidadãos que é utilizada como técnica de manipulação. A população passa a apoiar as medidas governamentais. Quando a notícia do Projeto se tornou pública, vendeu-se a ideia de que “*mujeres salvarán el ejercito*” ou ainda “*la patria va a levantarse dos escombros*”. A população não só apoiou o Projeto como algumas mulheres protestaram afirmando terem sido impedidas de oferecer seus corpos para a salvação da pátria. “*Somos aptas, gritan. No nos dejen afuera*” (GARCÍA LAO, 2018, p. 77).

Percebe-se como a distorção da história ocorre, sobretudo, a partir da difusão

da versão oficial dos fatos, o que se agrava por ser a única versão disponível à população. No início do romance, Jacinto Cifuentes relata a Guerra das Malvinas, a vitória, os soldados e o envenenamento. Ocorre que, apesar de nenhum cidadão ter memórias vívidas dos acontecimentos narrados, a história contada pela Junta é validada a partir do momento que o outro também a valida. Isto é, quanto mais pessoas acreditam no discurso mais ele parece ser real. O discurso oficial se legitima no momento em que se permeia no âmbito coletivo.

Para Ricoeur (2007, p. 93), na violação de uma recordação justa é que reside o abuso do esquecimento, “uma manipulação concertada da memória e do esquecimento por detentores de poder”. Além do controle do passado, aquele que tem o poder do enunciado controla também o futuro. De acordo com Brizotto (2017, p. 46),

O controle do passado garantiria, assim, o domínio do futuro, haja vista poder ser tratado essencialmente como um conjunto de condições que justificam ou encorajam os objetivos vindouros: se o passado foi idílico, as pessoas buscarão recriá-lo; se o passado foi semelhante a um pesadelo, as pessoas agirão para evitar que tais circunstâncias se repitam.

Desse modo, ao exercer o domínio total sobre o presente, a Junta instalada em Rawson consegue controlar a maneira como os cidadãos pensam e interpretam o passado. A memória da população argentina sobre a Guerra das Malvinas é difusa e limitada. Difusa, porque não há nenhuma memória individual de nenhum cidadão que possa aclarar os fatos; e limitada, porque a população só é informada daquilo que a Junta deseja informar. Esse cerceamento dos fatos, feito como mecanismo de controle, faz com que toda informação seja recebida como verdadeira pela população.

Ao narrar a suposta vitória da guerra, por exemplo, Jacinto narra a partir do discurso oficial, já que é a única fonte disponível. Nem ele e nem nenhum outro cidadão esteve nas ilhas, não existe uma memória individual sobre o acontecido. Nesse sentido, o nome do protagonista indica uma escolha consciente da autora, pois, Jacinto Cifuentes é um homem sem fontes, que em espanhol se pronuncia “Jacinto sin fuentes”. Por ser um homem sem fontes, toda a história narrativa é composta por fatos que, segundo a história oficial, foram relatados pelas vítimas através de um rádio. Ninguém viajou até as ilhas e nenhum soldado retornou ao país. Devido a possibilidade de contágio, “*allá quedaron los heroes apestados y los muertos. Aquí, los paladines del bienestar. Un océano en el medio*” (GARCÍA LAO, 2018, p. 23).

Para Ricoeur (2007), é a partir da narrativa que a memória tem a possibilidade

de ser refeita. Tal memória é refeita em *Nación Vacuna* a partir da história criada e contada pela Junta, ao qual os fatos são sempre favoráveis ao poder. Diante da história inventada sobre a vitória da guerra, como descobrimos no final do livro, a Junta necessita a partir de então criar registros da sua tentativa de salvação através do projeto. Halbwachs (1990) afirma a necessidade de testemunhos ou provas que confirmem um acontecimento, pois sem eles não há a possibilidade de registro.

Não à toa, em *Nación Vacuna*, a Junta preocupa-se muito com os registros. A presença de um fotógrafo estatal deixa claro o quanto é importante que a história - criada pelos detentores do poder- seja retratada no presente e no futuro. No dia em que a equipe do projeto vai até o porto tirar as fotografias oficiais da missão, Planes deixa evidente sua preocupação em entrar para a história.

Después de las preguntas y las fotos, nos espera un almuerzo con las autoridades, aclara Planes. Las quiero a todas de blanco. Que se cambie en el camino. Vamos señoras, síganme. La Historia nos aguarda en el puerto (GARCÍA LAO, 2018, p. 102).

Cada detalhe do futuro pensado meticulosamente. Sobre isso Aleida Assmann diz que,

[...] os dominadores usurpam não apenas o passado, mas também o futuro; querem ser lembrados e, para isso, erigem memoriais em homenagem a seus feitos. Tomam providências para que seus feitos sejam narrados, decantados, eternizados e arquivados em monumentos (ASSMANN, 2011, p. 151).

Na última página do livro o leitor tem conhecimento de que toda a história argentina está sendo manipulada. Conhecimento esse que não chega até a população do país. Contudo, neste caso, a Junta possui provas concretas da sua medida governamental. A burocracia com a seleção das candidatas, as fotos da equipe, o almoço com autoridades, as páginas dos jornais são todos estabilizadores de memória que são utilizados tanto para escrever a história oficial, quanto para aniquilar qualquer dúvida em relação a postura governamental. No momento em que não houver mais nenhum grupo que sustente a memória coletiva dessa época, os estabilizadores materiais serão a única forma de acessar essa memória/história.

Nesse sentido, o poder instalado na sociedade ficcional de *Nación Vacuna* controla e impõem o conteúdo da memória coletiva, que por sua vez é socialmente imposta como forma de alcançar os propósitos atuais do poder vigente; trata-se de

uma memória coletiva deliberadamente desenhada para garantir a legitimação do poder e sustentar o consenso político atual (PERALTA, 2007, p. 9).

A história em *Nación Vacuna*, em relação ao pós-guerra, não tem uma consistência sólida, na realidade é formada somente por restos. Tanto que, em diversos momentos da leitura sente-se falta de maior detalhe sobre o ocorrido, existem lacunas no texto em relação a guerra, os soldados, o envenenamento, etc. O leitor, por essa perspectiva, aproxima-se do protagonista em relação às informações disponíveis. Nos é oferecida uma fonte, no entanto, ela é sempre uma montagem, uma roupagem resultante da manipulação dessas mesmas fontes.

Diferentemente de *Nación Vacuna*, na obra *Cadáver Exquisito* não há informações comprovadas - nem ao protagonista e nem ao leitor- que denunciem a manipulação dos fatos em relação a existência do vírus e as medidas governamentais. Há apenas suspeitas por parte do protagonista. “*Él cree que es una puesta en escena para reducir la superpoblación*” (BAZTERRICA, 2018, p. 19).

Nesse sentido, conclui-se que, no que se refere à memória, as obras analisadas utilizam de diferentes mecanismos. Em *Nación Vacuna*, o discurso oficial é utilizado como um poder em exercício que amplia as redes de relações, produz novos sentidos e determina o que deve ser conhecido pelos cidadãos. Esse conhecimento volta-se tanto ao presente quanto ao passado, tendo um papel de fonte de esclarecimento sobre a Guerra das Malvinas. A Junta manipula a memória dos cidadãos em dois sentidos: nas informações da guerra, utilizando a história de envenenamento como forma de justificar a situação econômica do país; e, no pós-guerra, através da manipulação dos cidadãos em relação ao Projeto Vacuna. Em *Cadáver Exquisito*, por outro lado, o discurso oficial não tenta reescrever o passado para justificar a situação do país, no entanto, utiliza estrategicamente mecanismos discursivos para que esse passado seja, em certa medida, esquecido. Independente do sentido, quem detém o poder conserva também o poder sobre a memória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de reconhecermos a relevância do tema, não foi o nosso objetivo relacionar a narrativa das obras estudadas com a pandemia do covid-19. É inegável que as obras trazem considerações sobre o momento em que estamos vivendo. Existem diversas semelhanças com a realidade, como o surgimento de um vírus desconhecido, o toque de recolher, as restrições e uma nação inteira à espera de uma vacina. Reconhecemos que este é um caminho de análise de suma importância para a ciência, no entanto, quando o vírus emergiu em nosso mundo, nossa pesquisa já estava em andamento. Apesar de fazer rápidas relações entre a ficção e a realidade atual, não foi possível desviar nosso caminho de análise para uma compreensão mais profunda a respeito das relações sociais frente à pandemia.

Também é importante ressaltar que reconhecemos a história da Argentina. Reconhecemos a forte relação do país com a carne e também a necessidade argentina de criar na sociedade um sentimento de patriotismo na Guerra das Malvinas em 1982. A força histórica que *Nación Vacuna* e *Cadáver Exquisito* nos oferece não passou despercebida, no entanto, esse não era nosso objetivo principal.

Nossa análise centrou-se nos governos fictícios que permeiam as duas narrativas, para através deles, compreender a nossa própria estrutura social. Compreender a forma que nós, enquanto cidadãos, agimos e somos forçados a agir politicamente em nossa sociedade.

Ao longo do nosso trabalho, sobretudo através das obras *As utopias e a felicidade imaginada* de Jerzy Szachi (1972) e *A reconstrução da Utopia* de Fernando Ainsa (2006), demonstramos como a utopia caracteriza a insatisfação com a realidade. Tal insatisfação foi percebida em ambos os protagonistas dos romances. Marcos Tejo demonstrou sinais de atitudes heroicas quando, ao ganhar a fêmea de presente, remou contra a maré social. No entanto, apesar das revoltas individuais contra o modo de viver da sociedade canibal, no final do romance descobrimos que ele não tinha o desejo de mudar o mundo coletivo, mas apenas o seu mundo individual. Jacinto Cifuentes, por outro lado, iniciou o romance centrado apenas em si mesmo e no decorrer da narrativa demonstrou questionar as ações da Junta que governava o país. Após estar inserido no centro do poder, o personagem obteve diversas informações e observou diversas fraudes que poderiam indicar uma revolta

individual. Porém, mais uma vez isso não ocorreu, e assim como Marcos Tejo, toda insatisfação com a realidade era em prol de uma mudança apenas no âmbito individual. Diferente de distopias clássicas, nenhum dos dois protagonistas são caracterizados pelo heroísmo, pela luta ou pela transformação social.

A compreensão das questões referentes à forma foi de nosso interesse na primeira parte do trabalho. A análise das estruturas dos romances e das características dos textos utópicos e distópicos contribuíram na construção do conteúdo analisado posteriormente. Ao compreender o funcionamento de obras distópicas e como elas vieram sendo construídas ao longo dos anos, foi possível nos apropriar de modo mais profundo das questões levantadas por teóricos como Hannah Arendt, Michel Foucault e Giorgio Agamben.

Na segunda parte da nossa análise, percebemos como as sociedades fictícias das duas distopias analisadas são permeadas pelo intenso controle sobre os indivíduos. Através dos trabalhos de Michel Foucault, chegamos à conclusão de que a presença da vigilância de normalização individual ocorre através dos múltiplos dispositivos de controles que compõem a sociedade disciplinar. Ao longo da análise, as considerações foucaultianas foram dirigidas à estrutura social das obras analisadas. Através desse movimento, verificamos a presença da vigilância e normalização dos indivíduos em que, através da consciência singular dos protagonistas em relação à ideologia dominante, possibilitou que a investigação se tornasse mais produtiva.

Salientamos que os elementos elencados em *Cadáver Exquisito* e *Nación Vacuna* não estão reduzidos aos regimes totalitários, mas que utilizamos a teoria de Hannah Arendt para compreender como ocorre o processo de consolidação de um governo totalitário. Foi possível estabelecer conexões entre a teoria e a narrativa ficcional, principalmente no que refere à massificação dos sujeitos, perda da identidade, vigilância e controle. Notamos como o medo e a incerteza sobre o futuro fizeram com que a população de *Cadáver Exquisito* se adaptasse ao canibalismo. A propaganda totalitária, permeada por dados científicos, foi um elemento importante para a consolidação da medida governamental. Em *Nación Vacuna*, o controle e a vigilância ocupavam os espaços de trabalho e lazer. O sentimento de patriotismo foi usado como base para a elaboração do Projeto. A história foi, através desses mecanismos, reescrita e contada a partir da perspectiva de quem estava no poder.

Dentro das obras, através do conceito de *homo sacer* de Giorgio Agamben

(2002) e sua contribuição à biopolítica, confirmamos a desqualificação de alguns indivíduos em meros animais biológicos, taxados à uma *vida nua*. E mais que isso, demonstramos como a relação entre *homo sacer* e soberano é flexível, no qual em um estado totalitário, nossa vida pode perder seu valor de forma repentina. Observamos também como os indivíduos aceitam sacrificar sua individualidade em prol da sobrevivência, relacionando o texto ficcional com o paradigma da imunização de Esposito (2010).

No último capítulo deste trabalho, ao utilizarmos um repertório teórico voltado ao discurso, ao poder e à memória, observamos que o objetivo central de todos esses mecanismos era o mesmo: o total controle dos corpos. Em *Cadáver Exquisito* as palavras proibidas atuavam como uma maneira forçada de esquecimento. Ao se esquecerem do que estavam consumindo, as chances de revolta e indignação se perdiam nos pratos repletos de carne humana, ou melhor, carne especial. Em *Nación Vacuna*, todas as ações realizadas pela Junta precisavam ser, incansavelmente, registradas por fotógrafos e jornalistas. O leitor, estando inserido no centro do poder junto ao personagem, tem consciência das manipulações e mentiras do governo. Mas os cidadãos, no entanto, possuem como única fonte as fontes oficiais. Fontes manipuladas que contam apenas uma parte da história do país.

Durante a escrita deste trabalho, surgiu em nossa sociedade um vírus que fez com que tenhamos que abdicar nosso direito de ir e vir em troca da proteção do Estado, assim como proposto por Esposito (2010) no paradigma da imunização. Ao mesmo tempo, fotos e notícias falsas eram repassadas à população, e o medo e o caos começava a se tornar rotina. A ciência se tornou ao mesmo tempo indispensável, quando em busca de uma vacina, quanto desvalorizada, para aqueles que não acreditavam no perigo do vírus.

Ao escrever esse trabalho, nos perguntamos várias vezes o quão longe estamos dessas distopias. O medo é real. O que nos acalenta, de certa forma, é a possibilidade de, mesmo em meio ao caos, terminar uma pesquisa científica em uma Universidade Pública. Frente a isso, encerramos com a reflexão de Pavloski, que em nosso momento atual se torna ainda mais significativa.

A democracia deve ser valorizada pela voz e pelos atos. Não basta possuir liberdade de expressão, é preciso saber o que fazer com ela. O poder individual deve ser reconhecido para que, mesmo diante da mais terrível distopia, um pequeno gesto de independência possa servir como um sinal de esperança (PAVLOSKI, 2005, p. 272).

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Guilherme de Andrade Campos. **O estado de exceção em Giorgio Agamben**: contribuições ao estudo da relação direito e poder. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-01082011-163923/en.php> Acesso em: 16 mar. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AGUIAR, Odílio Alves. A tipificação do totalitarismo segundo Hannah Arendt. **Dois Pontos**, Ceará, v. 5, n. 2, p. 73-88, out. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/14661/9841> Acesso em: 25 maio 2020.
- AGUIAR, Odílio Alves. Veracidade e propaganda em Hannah Arendt. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. v. 10, n.1, p. 7-17, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/164025/157451>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- AINSA, Fernando. **A reconstrução da utopia**. Tradução de Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.
- AMITRANO, Georgia. O paradoxo do homo sacer: entre o bando e o abandono. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. São Paulo, v. 2, n. 23, p. 78-92, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/74747> Acesso em: 23 jun. 2019.
- ANDERSON, Matthew Tobin. **Feed**. Candlewick Press, 2002.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: **formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. São Paulo: Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, Lucas Gib. **Direitos autorais na internet**: o conflito entre direitos autorais e o direito à informação. 2018. Monografia (Bacharel em Direito) - Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/lucas_azevedo.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BARRETO, LIMA. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2007.

BARTON, Riven. Dystopia and the Promethean Nightmare. In: DEMERJIAN, Louisa Mackay (Ed). **The age of dystopian: one genre, our fears and our future.** Cambridge: Newcastle upon Tyne, p. 5-18, 2016.

BAZTERRICA, Agustina. **Cadáver Exquisito**. 3. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2018.

BRADBURY Ray. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2007.

BRIZOTTO, Bruno. Controle do passado e manipulação memorial em 1984. **Athena**. Cáceres, v. 13, n. 2, p. 38-56, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/2893/2285> Acesso em 5 dez. 2020.

BRODY, Jessica. **Save the Cat! Writes a Novel: The Last Book on Novel Writing You'll Ever Need**. Ten Speed Press, 2018.

CÂMARA, Yanca Abreu. A instrumentalização do discurso enquanto mecanismo de manutenção dos regimes autoritários: de 1984 a 2019. **Anais do Colóquio Internacional de Direito e Literatura**. Porto Alegre, p. 177- 123, 2020. Disponível em: <http://rdi.org.br/seer/index.php/anacidil/article/view/695/pdf> Acesso em: 14 jan. 2021.

CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. Tradução de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lobo. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CARVALHAL, Tania Franco. COUTINHO, Eduardo F. (org.). **Literatura Comparada**. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 09-21, 1991. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1> Acesso em: 23 mar. 2020.

CERQUEIRA, Juliana Radosavac Figueiredo. **Da alienação ao descobrimento: o ensino e o conhecimento nas distopias: controle, disciplina e resistência**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10111>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Utopia. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 60, p.7-12, julho, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2020.

COELHO, Alessandro Manduco. Política, religião e utopia: o discurso e a crença religiosa submersos na imaginação e no pensamento utópico. **Páginas de Filosofia**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 21-36, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/4407> Acesso em: 15 maio 2020.

COSTA, William. Implicações críticas da imunização biopolítica da vida humana em tempos de pandemia viral: reflexões a partir de Roberto Esposito. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**. Rio Grande do Sul, v. 11, Ed. Especial, p. 1-15, set-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43942/pdf>. Acesso em 05 abr. 2021.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History**. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Estudos Filosóficos**. São João del Rei, n. 40, p. 143-157, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf> Acesso em: 12 dez. 2020.

DEMERJIAN, Louisa Mackay (Ed). Introduction. In: **The age of dystopian: one genre, our fears and our future**. Cambridge: Newcastle upon Tyne, 2016, p. 1-4.

DESIDIA. In: Diccionario de la lengua española. Real Academia Espanhola, 2021. Disponível em: <https://dle.rae.es/desidia> Acesso em: 15 fev. 2021.

DI MINICO, Elisabetta. **Antiutopía y control. La distopía en el mundo contemporáneo y actual**. 2015. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura) - Faculdade de Geografia e História, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2015. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/69416> Acesso em: 12 jun. 2020.

DUARTE, Fábio Henrique. **Biopolítica e democracia em Giorgio Agamben**. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188756> Acesso em: 04 dez. 2020.

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origen y destino de la comunidad**. Tradução de Carlos Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

FALENCIA. In: Diccionario de la lengua española. Real Academia Espanhola, 2021. Disponível em: <https://dle.rae.es/desidia> Acesso em: 15 fev. 2021.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Da utopia à distopia: política e liberdade. **Eutonómia**. Recife, v. 1, n. 3, p. 324 - 362, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1821> Acesso em 11 jan. 2021.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Livros, Indústria Cultural e Distopias. **Comunicologia**. Brasília, v.1, n.1, jan/dez, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/863/800pg>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Memória e poder nos regimes distópicos. **Papéis**. Santa Maria, v. 19, n. 38, p. 83-98, 2015. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/papeis/article/view/2990/2408> Acesso em 12 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Medicina Social**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, pp. 79-98.

FREITAS, Emanuele Mendonça de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZANELLA, Silvia Maria. 1984: Totalitarismo, vigilância e censura: retomando a questão do determinismo linguístico. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 192-209, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/28076>. Acesso em: 14 out. 2020.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Tradução de Marcos de Martini. São Paulo: É realizações, 2014.

GARCÍA LAO, Fernanda. **Nación Vacuna**. Ciudad Autónoma de Buenos aires: Emecé, 2017.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

GOODREADS, Inc. **Best Horror Books**. 2020. Disponível em: <https://www.goodreads.com/choiceawards/best-horror-books-2020>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GONNERMANN, Annika. The Concept of Post-Pessimism in 21st Century Dystopian Fiction. **The Comparatist**. Carolina do Norte. v. 43, p. 26-40, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26824946?seq=1>. Acesso em: 10 fev. 2021.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 2 ed. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Editora Globo, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**. Florianópolis, v. 18, n. 2, p.

201-215, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>

Acesso em: 23 jan. 2021.

ISHIGURO, Kazuo. **Não me abandone jamais**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JEUNE, Simon. Literatura geral e literatura comparada. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada**. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 219-240.

JIMENEZ-CASTRO, Ana Bertha; SALINAS-DURÁN, María Teresa; SÁNCHEZ - ESTRADA, Teresa. Algunas reflexiones sobre la filosofía de Virginia Henderson. **Revista de Enfermería del Instituto Mexicano del Seguro Social**. Ciudad do México, v. 12, n.2, p. 61-63, 2004. Disponível em:

<https://www.medigraphic.com/pdfs/enfermeriaimss/eim-2004/eim042a.pdf>

Acesso em: 21 jul. 2020.

KOPP, Rudinei; NEUMANN, Anna Laura; SILVA Thaíssi Alessandra Cardoso da. Comunicação e educação na literatura distópica: de Nós (1924) a Jogos Vorazes (2008). **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 80-96, 2013. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/3577>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LIMA, Simone. QUEIROZ, Amilton. Literatura Comparada: percursos locais, itinerários globais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Porto Alegre, v. 19, n. 30, p. 161-172, 2007. Disponível em:

<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/28>. Acesso em: 04 ago. 2020.

MARTINS, Juliane Caravieri. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I, de Giorgio Agamben. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia, v. 44, n. 1, p. 195-201, jan/jun, 2016. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/39987/24074>. Acesso em: 13 maio 2020.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Ideologia e propaganda: a educação como resistência à mentira organizada a partir do pensamento de Hannah Arendt. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**. Cubatão, v. 2, n. 2, p. 1-22, 2020.

Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/rieli/article/view/1309>. Acesso em: 15 jan. 2021.

NITRINI, Sandra. Teoria literária e literatura comparada. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 8, n. 22, p. 472-480, set/dez, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/68.pdf> Acesso em: 23 mar. 2020.

OLIVEIRA, Terezinha de Assis. **Linguagem e memória em *Fahrenheit 451* e 1984**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7429> Acesso em: 04 dez. 2020.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PASOLD, Bernadete. **Utopie x satire in english literature**. Pós Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/147519493.pdf> Acesso em: 29 maio. 2019.

PEDROSA, Célia et al. (org.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da memória**. Portugal, n.2, p. 4-23, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2391753> Acesso em: 12 jan. 2021.

PIRES, Felipe Augusto Mariano. Hannah Arendt e o totalitarismo como forma de governo apoiada na rale e nas massas. **Investigação Filosófica**. Macapá, v. 11, n. 1, p. 39-56, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/article/download/5547/pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PINTO, Simã Catarina de Lima. Uma reflexão sobre identidade e reconhecimento a partir do paradigma da imunização de Roberto Esposito. **Cadernos Zygmunt Bauman**. São Luís. v. 9, n. 19, p. 58-71, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/10004>. Acesso em: 20 jan. 2021.

POLAK, José Augusto Ramos. **Era uma vez, uma utopia...Calunga**: um romance utópico. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35032> Acesso em: 15 maio. 2020.

PORTELA, Millena. PINTO, Maria. Um presente para o futuro: a distopia contemporânea e suas interseções com a experiência pós-moderna. **Literatura e autoritarismo**. Santa Maria, n. 22, p. 121-136, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/39202/0>. Acesso em: 10 out. 2019.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova**, São Paulo, n. 63, p. 179-201, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a08n63.pdf>. Acesso em 14 maio 2020.

POPPELAARS, Antonius Gerardus Maria. O sofrimento do homem comum: o herói trágico e tragicidade na morte de um caixeiro-viajante de Arthur. **Revista Labirinto**, n.1, v. 27, p. 126-145, jul-dez, 2017. Disponível em: http://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNIR-2_1eaf787df13238467141e59f621cbb33. Acesso em: 18 jan. 2021.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada**. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.175-190.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François (*et al.*). Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. O múnus e a imunização biopolítica: uma leitura dos direitos humanos a partir de Roberto Esposito. **Revista Pistis Praxis**. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 929-950, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/7127>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SÁ, Alexandre Franco de. Prefácio. In: ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 7-13.

SHOAH. 1985. **Shoah**. Claude Lanzmann (dir.) França. Parte 1. Online (140 min). Disponível em: <https://youtu.be/NwZkxiNmLqI?list=PLKX5aAulXbAzU46PkeroAkN51r1WK8dR0>. Acesso em: 13 ago. 2019.

SILVA, Tiago. O paradoxo da soberania nos limites da exceção a partir da visão de Giorgio Agamben. **Dialogando**. Ceará, v. 1, n. 2, p. 15-26, jul-dez, 2016. Disponível em: http://revistadialogando.com.br/images/2._O_PARADOXO_DA_SOBERANIA_NOS_LIMITES_DA_EXCECAO_A_PARTIR_DA_VISAO_DE_GIORGIO_AGAMBEN_p.15-26.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

SOARES, Márcia. Uma análise dos conceitos Agambenianos de campo, vida nua e estado de exceção. **Cadernos do Pet Filosofia**. Teresina. v. 8, n. 15, p. 33-47, 2017. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/6899/4106>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SOUZA, Danigui Martins de. Estado de exceção: Giorgio Agamben entre Walter Benjamin e Carl Schmitt. **Princípios: Revista de Filosofia**. Natal, v. 25, n. 47, p. 35-58, jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/12733>. Acesso em: 10 set. 2019.

SZACHI, Jerzy. **As Utopias ou a Felicidade Imaginada**. Tradução de Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

ZILLY, Berthold. A pátria entre paródia, utopia e melancolia. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, v.11. n.1, p. 45-80, abr. 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/230>.> Acesso em: 17 maio 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ANEXOS

ANEXO A – CONVERSA COM A ESCRITORA AGUSTINA BAZTERRICA

